

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

JORGE LUIZ DIAS PINTO

**OS ESPAÇOS DA FOLIA DE REIS EM MARINGÁ-PR: O GRUPO  
UNIDOS COM FÉ**

Maringá

2010

JORGE LUIZ DIAS PINTO

**OS ESPAÇOS DA FOLIA DE REIS EM MARINGÁ-PR: O GRUPO  
UNIDOS COM FÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Política, movimentos populacionais e sociais. Linha de pesquisa: Instituições e História das Idéias

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Ramos de Andrade

Maringá

2010

Jorge Luiz Dias Pinto

**OS ESPAÇOS DA FOLIA DE REIS EM MARINGÁ-PR: O GRUPO  
UNIDOS COM FÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Política, movimentos populacionais e sociais. Linha de pesquisa: Instituições e História das idéias.

Aprovado \_\_\_\_\_

BANCA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Ramos de Andrade  
Orientadora e Presidente

---

1º Examinador Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares

---

2º Examinador Prof. Dr. Sezinando Luiz Menezes

Maringá,

Fevereiro 2010

*Aos meus pais, João Lopes Pinto e Ana da Conceição Dias Pinto, que dedicaram toda a vida aos filhos. As minhas irmãs, Marcela Dias Pinto e Daniela Dias Pinto, pelo apoio que sempre me transmitiram. Amo vocês!*

## *AGRADECIMENTOS*

*Ficam aqui expressos os meus sinceros agradecimentos às pessoas e instituições que, por vias diretas ou indiretas, permitiram a realização deste trabalho.*

*Sou imensamente grato à Profa. Dra. Solange Ramos de Andrade, orientadora, pela confiança, incentivo, amizade e pelas sábias críticas construtivas. Ao longo de cinco anos de orientação, na graduação, na especialização e no mestrado, seus comentários e ensinamentos sobre História das Religiões foram imprescindíveis para a conclusão das pesquisas.*

*Agradeço também ao professor, Dr. Jaime Estevão dos Reis e ao Dr. Marco Antonio Neves Soares membros da banca de qualificação, pelas importantes sugestões ao trabalho. Ao professor Dr. Sezinando Luiz Menezes pela amizade durante o período de minha graduação e por fazer parte desta minha caminhada ao conhecimento.*

*À Vanda Fortuna Serafim, pela colaboração, incentivo e pelas inúmeras “discussões” científicas solícitas em todas as fases de elaboração do trabalho.*

*Aos meus colegas do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades da UEM pelo apoio emocional e logístico durante a tese, impossíveis de enumerar aqui.*

*Aos meus amigos da universidade e do dia-a-dia por entenderem os momentos de turbulência e me ajudarem sempre a passar por eles com mais alegria e otimismo.*

*Aos funcionários da Seção de Pós-graduação de História, em especial a Giselle Moraes e Silva, por me prestar favores enormes, apesar de tão atarefada.*

*Aos integrantes do grupo de Folia de Reis de Maringá/PR Unidos com Fé, em especial ao Sr. Angelo dos Santos, Sr. Gabriel Arcanjo Viana e a seu neto Jhonatan Lúcio Viana por todo auxílio e ensinamento prestado no decorrer de nosso trabalho.*

*À Fundação Araucária, pela concessão da bolsa de mestrado.*

*Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento deste trabalho, muito obrigado!*

“Hoje é o dia dos Santos Reis  
Anda meio esquecido mas é o dia  
Da festa dos Santos Reis  
Eles chegam tocando  
Sanfona e violão  
Os pandeiros de fita  
Carregam sempre na mão  
Eles vão levando  
Levando o que pode  
Se deixar com eles  
Eles levam até os bodes  
É os bodes da gente  
É os bodes mééé (...)”

*A Festa Dos Santos Reis*  
Márcio Leonardo

# OS ESPAÇOS DA FOLIA DE REIS EM MARINGÁ-PR: O GRUPO UNIDOS COM FÉ

**Resumo:** A pesquisa teve como principal objetivo estudar a festa de Folia de Reis em Maringá – PR a partir do grupo Unidos com Fé. A festa faz parte do calendário festivo da Igreja Católica e acontece entre os meses de dezembro e janeiro. Por meio de suas especificidades pudemos analisar os espaços ocupados por essa manifestação religiosa. Nosso aporte teórico pautou-se principalmente em Chartier (2002), Certeau (1998) e Castoriadis (1982) e seus respectivos conceitos de “representação coletiva”, “lugar social”, “práticas culturais” e “instituição imaginária”. Nossa opção metodológica foi a fonte oral por entendermos que, o tratamento direto com o lugar no qual os indivíduos operam seus rituais mostra-se viável às nossas pretensões de estudo. A pesquisa demonstrou que os espaços ocupados pela Folia de Reis - o espaço tradicional e o espaço institucional – viabilizam pensar a institucionalização de suas práticas, as quais foram analisadas dentro dos rituais que compreende a festividade.

**Palavras-chave:** Folia de Reis; práticas culturais; religião; espaço

## **THE SPACES OF FOLIA DE REIS IN MARINGÁ - PR: THE UNIDOS COM FÉ GROUP (THE UNITED IN FAITH GROUP).**

**Abstract:** The research had as main objective to study the Folia de Reis party in Maringá - PR from the Unidos com Fé group. The party is part of the festival calendar of the Catholic Church and it happens between the months of December and January. Through specificities of this party we could analyze the spaces occupied by this religious manifestation. Our theoretical framework was based mainly on Chartier (2002), Certeau (1998) and Castoriadis (1982) and their respective concepts of "collective representation" "social place", "cultural practices" and "imaginary institution". Our methodological choice was the oral source because we understand that the direct treatment with the place where individuals can operate their rituals is viable to our claims of our study. The research showed that the area occupied by Folia de Reis - the traditional space and institutional space – make it possible to think the institutionalization of their practices, which were analyzed in the rituals that comprise the festival.

**Key-words:** Folia de Reis, cultural practices, religion, space.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO I – “A FOLIA DE REIS PEDE LICENÇA PRA SE APRESENTAR!” .....	27
1- Os Reis magos.....	27
2- A Festa dos Santos Reis.....	30
3- A Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé – Maringá/PR.....	34
CAPÍTULO II – O CICLO TRADICIONAL DA FOLIA.....	43
CAPÍTULO III – A FOLIA DE REIS NO ESPAÇO URBANO: O FESTIVAL .....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS.....	112
ANEXOS.....	119





## **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

O dia 25 de dezembro é a data que marca o início do ritual da Folia de Reis. Tudo começa na missa do dia 24 de dezembro para o dia 25 de dezembro, todos os integrantes vestidos com camisas que trazem o nome do grupo assistem a missa toda e esperam para o final da celebração para receberem a bênção do padre e dar início a peregrinação que vai até o primeiro sábado de janeiro. Eles colocam-se na frente do altar e cantam versos que dizem respeito ao nascimento do menino Jesus e aos Reis Magos. Fechando dessa forma a celebração da missa de natal. Mas para o grupo a noite está só começando.

Um dos pontos iniciais do ritual é após receberem as graças do padre e se dirigirem para fora da Igreja um dos integrantes vai com a bandeira até uma das portas da igreja e fica segurando ela para todos os foliões passarem por debaixo dela em sinal de respeito e proteção. Alguns passam e fazem o sinal da cruz outros beijam a bandeira também junto com o sinal da cruz. A comunidade costuma participar também desse ritual passando por debaixo da bandeira.

Após todos passarem por baixo da bandeira o grupo se organiza e passam a conduzir seu caminho para as casas que estão no roteiro daquela madrugada do dia 25 de dezembro, que vai da Igreja até a casa escolhida para o pouso da bandeira. Saem no meio da rua conversando entre eles, a bandeira sempre na frente e o mestre logo atrás organizando a folia e não fazem questão de apenas visitar as casas que pedem para serem visitadas no período de peregrinação, se tiver alguém que chame a folia eles entram e fazem seu ritual, se tem movimentação na casa batem palma e pedem licença para a folia, se o dono aceitar entra, canta e pedem prendas para a festa e se não aceitar a folia prossegue seu caminho.

Desde 1990, a cidade de Maringá<sup>1</sup> presencia, no período entre os festejos do Natal até meados de janeiro, a apresentação do Grupo de Folia de Reis *Unidos com Fé*. O Sr. Ângelo dos Santos<sup>2</sup>, conta a história do grupo:

O estorico do grupo de folia de reis -Unidos com Fé no dia – 10 – dez de março de 1990 na - residencia do Vitor Pedro Cabral – rua Evaristo da Veiga nº 167 Jardim Alvorada Maringá-PR as – 14 horas – foi fundado o grupo de folia de reis, registraram se no dia ou na época 34 entegrantes sendo todos com direito a voto (...) uma semana após o grupo recebeu o nome ou o titulo de Unidos com Fé nome que . foi dado – criado – por vitor pedro cabral – aprovado – pelo grupo por naminidade após um mês – de fundação o grupo fes a sua primeira apresentação no mes de abril – daquele ano na cidade de londrina – numa comemoração do museu da quela – cidade os componentes do grupo viero de outros grupos deferentes alguns participava de grupos de maringá e outros de outras cidades – o outros estados através de un encontro cultural em nossa cidade tivemos a oportunidade de sermos – e trocamos ideias e decedimos formamos um. grupo – formamos a partir desta – data ja registrada – o grupo começou a participar de eventos . radios e televisões e dai por diante dando continuidade (15/03/2007 – Ângelo dos Santos)<sup>3</sup>.

Durante os anos de 2006 a 2010 acompanhamos o Grupo Unidos com Fé com a intenção de caracterizar como se instituem as práticas da companhia de Folia de Reis. Nos meses em que antecedem o Natal o grupo se reúne na casa de seus participantes com alguns objetivos como o de ensaiar as músicas que serão tocadas em seu trajeto; determinar quais dias da semana será dedicado a folia, como as casas serão visitadas no decorrer dos dias, qual o trajeto e, dentre outras questões, qual o momento de confraternização entre seus membros que além de suas orações em conjunto também fazem um lanche relatando histórias a respeito de outros anos de sua companhia e de suas vidas em geral.

A “saída” marca o inicio das visitas do Grupo pelas casas dos participantes que normalmente ocorre no dia 25 de dezembro, após a missa realizada na Igreja Católica da comunidade do Requião, bairro da periferia de Maringá/PR.

<sup>1</sup> A cidade de Maringá está localizada na Região Norte do Estado do Paraná.

<sup>2</sup> O senhor Ângelo dos Santos (66 anos) exerce dentro da companhia de Folia de Reis pesquisada a função de vice-presidente e tesoureiro.

<sup>3</sup> Esta Fonte manuscrita encontra-se no Anexo II.

Após a apresentação de uma encenação do nascimento de Jesus e com a benção do padre da paróquia, os foliões começam sua peregrinação pelas casas que constam no roteiro. Tocando as violas e outros instrumentos e cantando sem parar já se apresenta na primeira casa que fica próxima a Igreja<sup>4</sup>. Pedindo permissão ao dono da casa entraram e ali entoaram mais algumas canções, entregaram a bandeira ao dono da casa e seguiu-se com orações, canções e pedidos para a festa.

A chegada<sup>5</sup> geralmente se faz no dia de Reis, ou seja, 06 de janeiro ou aos sábado do mês. Em 2007, aconteceu no dia 13 de janeiro no salão da paróquia Sagrado Coração de Jesus, localizada na Vila Morangueira, que ainda recebeu a Folia nos anos de 2008, no dia 11 de janeiro, e de 2009, a chegada ocorreu no dia 17 de janeiro. No ano de 2010 ocorreu no dia 16 de janeiro na Igreja Católica da comunidade do Requião, bairro da periferia de Maringá.

Já com o salão todo enfeitado e o público esperando para recebê-los, os foliões aparecem na rua em direção ao salão paroquial da Igreja, entoando seus cânticos bíblicos, de boas vindas e de agradecimentos. Dentro do salão finalizam seu ritual de peregrinação de mais um ano, e com a ajuda de voluntários que estão preparando comidas, fazem assim, sua confraternização final com seus integrantes e toda a comunidade devota de Santo Reis.

Com o processo de urbanização e o distanciamento do mundo rural, considerado o *lugar* das Folias de Reis, o Grupo Unidos com Fé não termina suas atividades com a “chegada” da folia. Após a peregrinação da Folia de Santo Reis, os

---

<sup>4</sup> Observação realizada no dia 25/12/2006.

<sup>5</sup> A “Chegada” ou “Festa da Chegada” é como os foliões e integrantes da Festa de Santos Reis denominam o último dia da festa, em que observamos muita música, comes e bebes e reverências aos Santos Reis

grupos se encontram em festivais de Folia de Reis, normalmente produzidos pelas Secretarias de Cultura dos Municípios.

Tivemos a oportunidade de presenciar um desses festivais, que acontece em varias cidades do estado do Paraná, na cidade de Sarandi/PR. Apesar de comemorar a Folia de Reis há 26 anos, oficialmente o festival foi reconhecido pelo governo do Estado do Paraná no dia 13 de novembro de 2001, quando a lei nº 13.296 concedeu à cidade de Sarandi o título de *Capital Turística e Folclórica da Festa de Folia de Reis*. Nesse festival os grupos têm 15 minutos para se apresentar observados por uma comissão julgadora. Todos os participantes recebem certificados e troféus, além de uma premiação em dinheiro do primeiro ao terceiro colocado cujo valor oscila entre R\$ 30,00 e R\$ 150,00 reais<sup>6</sup>.

Nossa proposta consiste em analisar esses dois momentos de manifestação da Folia de Reis, a partir do Grupo de Folia de Reis *Unidos com Fé*, da cidade de Maringá, durante o período de 2006 a 2010, tendo como referenciais teóricos os estudos acerca da institucionalização das práticas, referenciados por Roger Chartier (2002) e Michel de Certeau (1998).

A importância da memória deve ser ressaltada, pois é a partir do trabalho de rememorar, lembrar do vivido e narrá-lo, que podemos recuperar a história de grupos que não possuem permanências em suas histórias pois a tradição oral acaba se perdendo com a morte de seus líderes.

O interesse em estudar a Festa de Santos Reis surgiu quando ainda estávamos com os trabalhos realizados no curso de graduação em História/UEM<sup>7</sup> e tivemos o prazer de manter contato com os participantes do Grupo de Folia de Reis

---

<sup>6</sup> Essas informações encontram-se em anexo no documento entregue pela acessoria de comunicação da Prefeitura de Sarandi no 26º Festival de Folia de Reis de Sarandi realizado no dia 28/01/2007.

<sup>7</sup> Desenvolvimento de Projeto de Iniciação Científica intitulado: As manifestações populares de Maringá/PR: grupo Unidos com Fé. Ano de 2007. Orientação da Profª. Drª. Solange Ramos de Andrade – DHI/UEM.

*Unidos com Fé*. Receberam-me de maneira espontânea e de forma amigável e em pouco tempo estava à vontade entre seus membros. O acesso livre que me concederam possibilitou o trabalho desenvolvido com a festa e que pretendo demonstrar nesta dissertação.

A Festa de Santos Reis, objeto de nosso estudo integra-se a tal conjunto de manifestações denominadas de catolicismo popular<sup>8</sup>. A importância de se estudar a história de uma festa verifica-se pela necessidade de uma melhor compreensão dessas manifestações e suas relações com a sociedade em que vivemos.

O estudo sobre as festas religiosas populares, especificamente a Folia de Reis possibilita, a partir da atividade de observação, analisar a instituição das práticas culturais que estão vinculadas a uma festa e compreendidas por um grupo social, podendo encontrar toda uma composição ou estrutura social semelhante aos espaços pelos quais circula.

As festas podem ser observadas e analisadas por meio das estruturas, dos objetivos e ainda por intercâmbios pluridisciplinares, ou seja, olhares de diversas disciplinas. As festas podem ser interpretadas a partir de um universo de sentidos, que se distanciam de modelos conceituais, mas se aproximam das opiniões simbólicas de uma coletividade. No caso de uma festa de tradição cristã, como a Festa de Santos Reis ou como qualquer outra de cunho religioso, ela se distancia, em determinados momentos, da rotina de utilização dos espaços ditos normais e se aproxima de espaços móveis que ela mesma produz, sem ter a necessidade de se fixar e se tornar permanente em locais sacralizados (ANDRADE, 2009)

---

<sup>8</sup> Conceito muito utilizado pela intelectualidade católica no período dos anos de 1960, que se caracteriza pela manifestação que permite ao fiel entrar em contato com o transcendente, procurando resolver problemas que o afligem em sua vida diária, sendo que este contato se dá no nível das representações, de determinados rituais, que valorizam o aspecto sagrado do ser humano. Ver também: DAVID, Solange Ramos de Andrade. *O Catolicismo Popular Na Revista Eclesiástica Brasileira (1963-1980)*. Tese de Doutorado. Unesp/Assis: 2000

Essa é uma característica que demonstra a mobilidade das festas frente à novas realidades, que pela tradição ficariam atreladas às regras fixas, mas distantes dos participantes e com a presença em novos espaços consegue manter a tradição e a participação dos sujeitos.

Segundo Eliade (2001), as festas religiosas são atos criadores vivenciados por seres divinos, no tempo da origem do acontecimento sagrado. O homem religioso necessita vivenciar essa representação do real sagrado e sentir todo o poder de participar e relembrar esse tempo original, pois assim relembra e reafirma a sacralidade dos modelos. As festas religiosas reapresentam esse tempo de origem, tornando-o contemporâneo de suas vidas, é o eterno presente no acontecimento mítico.

O acontecimento da festa está presente na memória e na prática dos indivíduos em todas as sociedades. Nas Festas, nas Folias, nos Folguedos podem ser observados traços reveladores da dinâmica cultural, assim como dos agentes e produtores de cultura, que desfrutam e dela participam. Segundo Geertz (1981), entende-se como cultura uma rede de significados socialmente estabelecidos, e a Companhia de Folia de Reis faz parte destas construções de significados.

É preciso considerar que além das manifestações lúdicas, as festas expressam comportamentos, valores e visões de mundo, que não são fixos, se renovam constantemente em uma determinada sociedade. Para compreender os significados dos festejos, como o da Festa de Santos Reis, torna-se necessário conhecer a evolução dos mesmos e identificar suas ações e seus agentes (organizadores, integrantes, foliões e devotos).

Segundo Zaluar (1983), as festas são partes de um sistema de reciprocidade com as divindades cósmicas, em um princípio construído pelos homens e parte

integrante de sua própria visão de mundo. Estes fazem parte do universo de significados e representações presentes naquelas. Desses princípios fazem parte às trocas que o devoto mantém com o sagrado.

Para trabalhar a Folia de Reis ou mesmo outras práticas culturais que não dispõe de uma variedade de documentação para sua análise buscamos em outras metodologias formas para suprir estes vazios documentais, entre eles recorreremos a História Oral.

Podemos localizar a metodologia da História Oral em qualquer tema que corresponda ao período contemporâneo, tendo em vista as perguntas que condicionam o pesquisador nessa abordagem em busca de uma análise do passado. Nesta pesquisa a história oral foi a forma de constituição de documento que nos permitiu juntar fragmentos e trabalhar com uma manifestação cultural pouco registrada pela historiografia paranaense.

A coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas com os fundadores e organizadores da Companhia de Folia de Reis. A entrevista foi realizada com dois de seus principais membros: o Sr. Gabriel Arcanjo Viana<sup>9</sup> e o Sr. Ângelo dos Santos<sup>10</sup>, respectivamente embaixador e secretário. A escolha dos entrevistados se relaciona à maneira antropológica da pesquisa que não está voltada a unidades estatísticas, mas sim a unidades qualitativas, ou seja, entrevistar os sujeitos é necessário para obter mais e melhores informações sobre o objeto de pesquisa.

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência (ALBERTI, 2005, p. 31).

---

<sup>9</sup> Gabriel Arcanjo Viana (74 anos) é embaixador da Companhia Unidos com Fé, entrevista feita em 29/10/2009.

<sup>10</sup> Sr. Ângelo dos Santos além de secretário e um dos fundadores da Companhia Unidos com Fé é o batedor de caixa (instrumento musical que podemos identificar como um tambor). Trecho da entrevista feita em 20/11/2008.

Não se trata de entrevistas de histórias de vida, mas sim, pautadas na experiência desses integrantes com suas práticas religiosas. Segundo Queiroz (1991), a diferença entre história de vida e depoimento esta na forma específica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma dessas técnicas, durante o diálogo com o informante. Nosso diálogo se pautou na vivência dessas pessoas com a Folia de Reis, direcionando as perguntas para sua relação com o ritual.

O primeiro ato da pesquisa foi o contato com os depoentes, explicando quais os objetivos do trabalho e o tema que iria ser abordado. Falamos para nossos depoentes que nossa pesquisa tratava do envolvimento deles com a Festa de Santo Reis e a formação da Companhia de Folia de Reis da qual faziam parte. A entrevista do Sr. Angelo dos Santos ocorreu na Universidade Estadual de Maringá, isso porque ele já trabalhava neste local o que permitiu o encontro acontecer de forma mais fácil. Foi de forma individual entre o pesquisador e o entrevistado. Com o Sr. Gabriel Arcanjo Viana as perguntas ocorreram em sua própria casa com entrevista individual. Nossos instrumentos de trabalho restringiram-se a um gravador digital para transcrição e um caderno de anotações usado para anotar momentos de reações, gestos praticados que não são captados pelo gravador, entre outras anotações.

Utilizamos um questionário<sup>11</sup> com perguntas prontas, ou seja, perguntas que falavam de nosso tema de pesquisa e que nos ajudaram a definir os tópicos a serem abordados no decorrer de nossa entrevista. Foi necessário ter um roteiro de questões que necessitavam de esclarecimento, direcionando a entrevista, mas não caracterizando seu congelamento, ou mesmo bloqueando para que aparecessem

---

<sup>11</sup> O questionário encontra-se no Anexo I.

somente as perguntas que formulamos antes da entrevista e sim pontos que nem pensamos antes e que podem ser de grande riqueza para nossa investigação. Para a pesquisa em questão os pontos direcionados da entrevista foram com respectivos assuntos como: o devoto conheceu o ritual que pratica desde que período, como se vinculou a tal grupo, qual sua função dentro da folia, como observa os lugares que a Companhia de Folia de Reis ocupa.

Segundo Alberti (2005), o entrevistador não deve apenas ser um observador do relato de seu depoente, pois dessa maneira existiria apenas para apertar o botão do gravador. O entrevistador deve se adequar ao ritmo do entrevistado, estar sempre atento, não interromper a linha de pensamento, acompanhar o relato para a formulação de suas perguntas e dar forma a base de informações que busca em sua investigação.

O uso da fonte oral como metodologia implica em uma afirmação do processo histórico apresentado pelos integrantes da Companhia de Folia de Reis e caracterizar de maneira direta para o historiador as significações de cada representação. Demonstra dessa maneira a relação que os indivíduos provam com o lugar onde vivem e com o seu passado, caracterizando sua identificação dentro da sociedade.

Com as entrevistas podemos formular uma divisão de análise de nosso objeto e ter uma base de dados a respeito da festa. Além de observamos pontos de melhor definição para serem abordados em nossa pesquisa, uma gama de informações podem ser recuperadas como forma de comparação com outros trabalhos e relatos da memória desse grupo.

Tendo como pesquisa os rituais de um grupo de Folia de Reis e os lugares aos quais está relacionada, este trabalho também têm como objetivo mostrar os

procedimentos inseridos pela metodologia da história oral usados em nossa investigação. Nessa técnica observamos inúmeros campos de saber que dela se apropriam como fonte de conhecimento, relegando a essa metodologia nenhuma área específica de conhecimento e uma abordagem num campo pluridisciplinar.

Analisando os integrantes do grupo de folia de reis, seus devotos e participantes da festa podemos caracterizar a forma de tradição oral passada de geração em geração, em que, a música com versos alusivos ao dia de Santo Reis e até mesmo relatos da história do nascimento do menino Jesus que são feitas dentro da casa dos devotos que recebem os foliões e são feitas através da ação da oralidade. Esses aspectos nos mostram a riqueza que pode se obter através de seus relatos orais usando entrevistas ou mesmo questionários direcionados ou não aos indivíduos componentes da festa.

Observamos que entre o grupo e mesmo em outras instituições como prefeituras que ajudam e participam da festa não encontramos outras formas de fontes que pudessem ser utilizadas como forma de registros a serem utilizadas para análise histórica desse grupo e a comunidade em sua volta.

A inexistência de um acervo documental expressivo em informações a respeito de nosso objeto de pesquisa nos remete a abordar esse ritual com a metodologia da história oral. Embora várias críticas perpassem pela História Oral, podemos observar o avanço em pesquisas que proporcionou essa metodologia, “porque seu potencial documental e heurístico vai além dos aperfeiçoamentos técnicos de uma simples ‘ciência auxiliar’, podendo, desde que utilizado com conhecimento de causa, desembocar num verdadeiro salto qualitativo.” (FRANÇOIS, 1998, p.09)

Considerando porém a capacidade de criação e recriação da memória (entendida como representação), as técnicas de história oral, aprofundando procedimentos das mais variadas disciplinas, exigem do pesquisador apuradas metodologias de tratamento do material recolhido. Estabelecendo redes de informantes, é possível cruzar informações, memórias de fatos entre os membros de uma mesma rede, compará-las com os relatos de membros de outras redes, além dos recursos de pesquisa documental.

Alessandro Portelli, ao usar o termo “memória dividida”, argumenta que não se deve pensar apenas no embate de “memória comunitária” pura e espontânea de um lado, e de outro, aquela “oficial” e “ideológica”, de forma que, uma vez desmontada esta última, se possa implicitamente assumir a autenticidade não mediada da primeira. Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas (PORTELLI, 2001, p. 106).

Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é assim. Cada indivíduo extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada “razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história “social”” (PORTELLI, 2001:127).

O esforço para contar o incontável resulta em narrativas interpretáveis, construções culturais de palavras e idéias (PORTELLI, 2001: 108). Temos de observar enquanto pesquisadores as representações confinadas na memória de cada depoente, mas sem deixar de lado e questionando suas relações com os fatos históricos.

Segundo Portelli (2001), a relação memória-mito se faz necessária. Um mito não é uma narrativa unívoca, mas uma matriz de significados, uma trama de oposições: depende, em última análise, de o individual ser ou não percebido como representativo do todo, ou como uma alternativa para o todo (PORTELLI, 2001: 123).

Ela só se torna memória coletiva quando é abstraída e separada da individual: no mito e no folclore, na delegação e instituições que organizam memórias e rituais num todo diferente da soma de suas partes (PORTELLI, 2001: 127).

Podemos nesse momento pensar na memória fragmentada de diversas maneiras. Desse modo caracteriza-se necessário a ação do pesquisador para com as lembranças de seus entrevistados, e imaginar como estão compartilhadas com o social em que vive. A importância de ter o domínio do assunto que vai ser analisado com seu informante demonstra-se de grande importância, para a pesquisa tomar forma e fortalecer suas indagações. A memória coletiva, não sendo muito espontânea com alguns acreditam, seria mediada por ideologias, linguagens, senso comum e instituições, ou seja: seria uma memória compartilhada.

Mas não se deve esquecer que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas, e não grupos se lembram. Mesmo quando Maurice Halbwachs afirma que a memória individual não existe, sempre escreve “eu me lembro”. Por outro lado, Halbwachs descreve como processo individual, até solitário, uma atividade essencial da memória: o esquecimento. (PORTELLI, 2001: 127)

De acordo com Halbwachs, “não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia a nossa memória” (HALBWACHS, p. 60, 1990). Sendo assim afirma que o vivido remete à ação, à concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; esta, por meio de mecanismos

variados, seleciona e reelabora componentes da experiência. Para Portelli, a memória se fundamenta na experiência vivida e em emoções profundamente sentidas (PORTELLI, 2001, p.126/127). As lembranças não atualizam apenas fatos experienciados, mas sentimentos, emoções e sensações. Vivências carregadas de subjetividade. É esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita que servirá de apoio mais tarde para a memória.

Halbwachs diz que cada grupo se divide e se restringe, no tempo e no espaço e que é no interior dessas sociedades que se desenvolvem tantas memórias coletivas originais que mantêm por algum tempo a lembrança de acontecimentos que não tem importância senão para elas. Acrescenta ainda que não são somente os fatos, mas as maneiras de ser e de pensar de outrora que se fixam dentro de sua memória. A memória apresenta-se como um processo moldado no tempo histórico e seu relato também modifica-se com o tempo. A memória apresenta-se relacionada à história e ao tempo, mas também ao espaço.

A memória apesar de social apresenta-se materializada num discurso individual. E “é exatamente porque as experiências são incontáveis, mas devem ser contadas, que os narradores são apoiados pelas estruturas mediadoras da linguagem, da narrativa, do ambiente social, da religião e da política” (PORTELLI, 2001, p.108).

Dividimos a dissertação em três capítulos, a saber, *A Folia de Reis pede licença para se apresentar*, *O ciclo tradicional da Folia de Reis*, *A Folia de Reis no espaço urbano: o Festival* e, além desses, temos as considerações finais.

O primeiro capítulo denominamos *A Folia de Reis pede licença para se apresentar*. Nele delineamos o histórico da devoção demonstrando sua formação e como chegou ao Brasil esta festa de tradição religiosa católica. Ainda no primeiro

capítulo trabalhamos com a formação e constituição da Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé, localizada na cidade de Maringá/PR.

No capítulo II, nomeado *O ciclo tradicional da Folia de Reis*, podemos observar o ciclo festivo da Folia de Reis, envolvendo a visita de casa em casa que teve na sua origem o espaço rural e hoje se propaga também no espaço urbano. Com isso, demonstramos suas permanências e transformações ao longo do tempo.

No Capítulo III, *A Folia de Reis no espaço urbano: o Festival*, analisamos o espaço do ginásio de esportes, onde acontece o festival. Espaço este que foge ao tradicional, ou seja, a peregrinação de casa em casa. Neste espaço do ginásio as Companhias de Santos Reis são os personagens centrais e por meio de apresentações para um público presente é escolhido o melhor grupo preparado de cada ano.

Em nossas considerações apresentamos algumas possibilidades de manutenção e mudança na estrutura da Folia de Reis, com isso torna-se necessário acompanhar sua evolução e identificar suas ações e seus agentes sociais. Ao analisarmos a festa compreendemos suas significações, as maneiras pela qual existem e seus funcionamentos dentro de sua composição.

## **CAPÍTULO I**

**“A FOLIA DE REIS PEDE LICENÇA PRA SE  
APRESENTAR!”**

## CAPÍTULO I

### “A FOLIA DE REIS PEDE LICENÇA PRA SE APRESENTAR!”

Neste capítulo apresentamos um breve histórico do culto aos Reis Magos, a Festa dos Santos Reis no Brasil e a formação do Grupo *Unidos com Fé*. Ao chegar a cada casa a Folia de Reis<sup>12</sup> pede permissão ao dono para entrar e se apresentar. Da mesma forma consideramos importante esta apresentação como um indicativo das maneiras pelas quais um determinado grupo preserva tradições ao mesmo tempo em que articula novas práticas repletas de significados e representações.

#### 1 – OS REIS MAGOS

A *Legenda Áurea*, escrita no século XIII pelo dominicano Jacopo De Varazze (2003)<sup>13</sup>, apresenta as narrativas dos santos cristãos, consistindo num breve relato acerca de suas vidas, e de como conquistaram a salvação. Desde o início de sua instituição a Igreja cristã utilizou-se dessa estratégia de fornecer exemplos de conduta centrados nas práticas realizadas pelos santos visando apresentar o modelo do que acreditava ser o *verdadeiro cristão* (ANDRADE, 2009).

O objetivo é tratar a hagiografia como “uma combinação dos atos, dos lugares e dos temas indicando uma estrutura própria que se refere não essencialmente “àquilo que se passou”, como faz a história, mas “àquilo que é exemplar” [...] Cada vida de santo deve ser antes considerada como um sistema que organiza uma *manifestação* graças à combinação topológica de “virtudes” e de “milagres”” (CERTEAU, 1982, p. 267)<sup>14</sup>. A narrativa da vida de um santo está intimamente

---

<sup>12</sup> Companhia, Terno e Grupo de Folia de Reis são algumas das nomenclaturas usadas para descrever este grupo religioso que festeja o dia de Santos Reis. Para mantermos em nossa pesquisa uma padronização em sua redação optaremos por chamar de Grupo.

<sup>13</sup> DE VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea: vidas de santos**. tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>14</sup> CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

relacionada à vida de um grupo e representa a consciência que este tem de si mesmo, associando uma *imagem* a um *lugar* (CERTEAU, 1982, p. 269).

É na *Legenda Áurea*, na narrativa da *Epifania do Senhor*, comemorada no dia seis de janeiro, que encontramos a hagiografia dos Reis Magos ou Santos Reis. De acordo com De Varazze, “Jesus tinha treze dias quando, conduzidos pela estrela, os magos foram encontra-lo, daí o nome Epifania, de *epí*, “em cima”, e *phanos*, “aparição”, porque a estrela apareceu no céu para indicar que Cristo era o verdadeiro Deus” (2003, p. 149).

Apesar de um pouco longas, as citações são deveras importantes em virtude de sua manutenção no ritual da Folia de Reis, pois esta história será constantemente narrada no desenrolar da festa.

Quem eram os Magos? De Varazze responde:

Quando do nascimento do Senhor, foram a Jerusalém três magos chamados em hebraico Apelio, Amerio, Damasco; em grego Galgalat, Malgalat, Sarathin; em latim Gaspar, Baltazar, Melquior. A palavra mago tem três significações: “enganador”, “feiticeiro” e “sábio”. Alguns pretendem que esses reis foram chamados magos, isto é, enganadores, por terem enganado Herodes, não voltando até ele. (...) Mago também quer dizer feiticeiro. Os feiticeiros do faraó eram chamados magos e Crisóstomo diz que daí vem o nome deles. (...) Mago também quer dizer sábio (...) São portanto chamados de magos pela Escritura para indicar que eram sábios, donos de grande sabedoria (2003, p. 150).

Por que eram os Reis? De Varazze responde: “Os magos foram reis e sucessores de Balaão. Foram a Jerusalém ao ver a estrela, seguindo a profecia de seu pai: “Uma estrela se erguerá sobre Jacó e um homem sairá de Israel” (...) Eles puseram-se imediatamente a caminho” (2003, p. 150).

Ao saber do nascimento do Menino Jesus, o rei Herodes chamou os chefes dos sacerdotes para que indicassem o local do ocorrido. A resposta foi que a profecia indicava a cidade de Belém. Herodes ordenou que os três Reis

comparecessem à sua presença e revelou-lhes o local. Em troca pediu para que trouxessem informações exatas sobre o Menino para que ele também pudesse prestar homenagens.

Os grupos de Folia de Reis iniciam seu caminhar no dia 25 de dezembro, data do nascimento do Cristo e encerram sua caminhada no dia 06 de janeiro, o dia em que os Reis Magos encontraram o Menino Jesus. Foram treze dias de caminhada permeados por experiências místicas, qualificando-os como protetores dos que caminham, daqueles que viajam<sup>15</sup>.

Cada um deles leva uma oferenda: “Depois de terem entrado na humilde morada e encontrado a criança com a mãe, os magos ajoelharam-se e cada um ofereceu presentes: ouro, incenso e mirra” (DE VARAZZE, 2003, p. 154). Melquior, o mais velho, oferece o ouro, símbolo da realeza espiritual do Menino Jesus. Baltazar, o rei negro, oferece a mirra, uma resina aromática, símbolo da mortalidade dos homens. Gaspar, o mais jovem, oferece o incenso, símbolo das orações feitas com devoção.

Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, os magos regressaram a seu país por outro caminho. Eis, portanto, a história dos magos: vieram sob a direção da estrela; foram instruídos por homens, melhor dizendo, por profetas; retornaram guiados por um anjo e morreram no Senhor (DE VARAZZE, 2003, p. 156).

Quando os Reis iniciaram a viagem de volta, não passaram por Jerusalém. O rei Herodes, percebendo que havia sido enganado, ordenou que todas as crianças de Belém fossem mortas. Esse episódio ficou conhecido como o *massacre dos inocentes*<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Os Santos Reis são os santos protetores dos viajantes.

<sup>16</sup> De Varazze dedica um capítulo do livro aos *Inocentes*, narrando às mortes ordenadas por Herodes. Cf. p. 120-124.

## 2 - A FESTA DOS SANTOS REIS

Para Del Roio (1997) o reinado de D. Diniz em Portugal (1279-1325) propiciou o surgimento de festas populares que depois se expandiram para as demais colônias portuguesas. Tiveram início as festas religiosas do Império do Divino Espírito Santo, com as primeiras crônicas registradas na cidade de Alenquer.

Mais tarde essas festas transbordariam as fronteiras do continente em direção aos Açores, Cabo Verde e Brasil, ao qual é difícil dizer como e quando chegaram. Provavelmente através de frades franciscanos ligados ao culto do Espírito Santo e de migrantes açorianos. Filtrou-se pelas estreitas malhas de uma Igreja embebida de contra-reforma e criou raízes no catolicismo rústico e popular (DEL ROIO, 1997, p. 117).

De acordo com Cascudo (1984), a Festa dos Santos Reis no Brasil tem suas origens portuguesas e foram trazidas pelos colonizadores que se encarregam de manter esta tradição no nosso país. Em seu *Dicionário de Folclore Brasileiro* explica que a Folia compreende uma manifestação popular originária de Portugal, e provenientes das festas Janeiras<sup>17</sup> e Reis<sup>18</sup>.

Reis. Foram festas populares na Europa (Portugal, Espanha, França, Bélgica, Alemanha, Itália, etc.) dedicadas aos três Reis Magos em sua visita ao Deus Menino, e ainda vivas em vestígio visíveis. Na Península Ibérica, os reis continuam vivos e comemorados, sendo a época de dar e receber presentes, “os reis”, de forma espontânea ou por meio de grupos, com indumentária própria ou não, que visitam os amigos ou pessoas conhecidas, na tarde ou noite de 05 de janeiro (véspera de reis), cantando e dançando ou apenas cantando versos alusivos a data e solicitando alimentos ou dinheiro. Os colonizadores portugueses mantiveram a tradição no Brasil e de todo ainda não desapareceu o uso nalgumas regiões (CASCUDO, 1984, p. 668).

Segundo Cascudo, é possível observar que, quando chegou ao Brasil, a folia realizada em Portugal foi sendo modificada com o passar dos anos. Isso aconteceu,

---

<sup>17</sup> Janeira era uma canção entoada por um grupo que visitava pessoas amigas, no primeiro dia do ano (CASCUDO, 1984, p. 396).

<sup>18</sup> Também conhecido aqui no Brasil como Reisado e por muitos devotos passou a ser conhecida como Folia de Reis. A palavra Folia era no Portugal velho uma dança rápida, ao som do pandeiro ou adufe, acompanhada de cantos (CASCUDO, 1984, p. 335).

pois em algumas partes de nosso país se associou com outras práticas culturais, como a do Bumba Meu Boi.

Acerca desse tema, Brandão<sup>19</sup> aponta que são festas características de religiosidade católica e que tiveram sua difusão em lugares onde a Igreja Católica não estava presente com todo seu quadro institucional, ou seja, em lugares mais afastados dos grandes centros urbanos em que não existia um templo religioso ou mesmo a presença constante de padres para realizar os rituais católicos corriqueiros, fazendo com que estes devotos procurassem por meios de festas, romarias, capelas preencher as lacunas que a instituição Católica deixava.

Longe das cidades, nas imensas e despovoadas áreas dos sertões do país, comunidades de camponeses e pequenas confrarias de grupos rituais cultuam os seus padroeiros e uma pequena multidão de santos de preceito. Sem a necessidade da presença de sacerdotes oficiais, fazem os seus cultos e, entre os seus especialistas do sagrado, distribuem quase todo o trabalho religioso de que nutrem a vida, a fé e os sonhos. (BRANDÃO, 1985, p. 134).

Segundo Brandão (1985), o trabalho religioso de uma Igreja, durante séculos detentora quase que exclusiva dos bens de salvação no Brasil, gerou, ele próprio, associado a um conjunto de outros fatores sociais, uma variedade grande e uma quantidade inimaginável de agentes religiosos populares. Rituais surgem, transformam, completam e se multiplicam por todo o território nacional. Na Folia de Reis não é diferente, pois a sua origem ocorre no espaço rural e hoje podemos observar suas transformações e permanências no meio urbano.

Quando um grupo de foliões migra para a periferia das cidades e quando ele consegue repetir ali o que fazia na roça de onde veio, alguma coisa se perdeu. Perdeu-se o *espaço social camponês* que agora não pode ser mais retraduzido do mesmo modo, de maneira que todos juntos, moradores e foliões, sejam como uma comunidade, uma gente do lugar e, ao mesmo tempo, de Belém. Perdeu-se a disponibilidade de um tempo de jornada, porque agora os atores são

---

<sup>19</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1985.

empregados e só dispõem de pedaços dos seus dias para dedicá-los ao ritual e a Santos Reis (BRANDÃO, 1981, p. 51).

Podemos notar nas análises que Zaluar (1983) faz a respeito dos rituais e festas de origem católica, que a relação social que representava uma festa em lugares mais tradicionais resultava de meios simbólicos mais importantes para transmissão de seu código moral e localidades em que a relação social urbana se mostrava mais presente essas irmandades religiosas e festas não tinham a mesma importância.

Freitas (2004)<sup>20</sup> analisa a diferenciação que pode existir pelo grau de urbanização em uma Festa de Santos Reis. Pode notar as diferenças que existem dentro das festas em relação com o cotidiano, com o trabalho, com a adaptação da festa ao tempo urbano e com as relações de poder (Igreja e Estado).

Uma das transformações que Freitas (2004) analisa corresponde ao rompimento com o cotidiano, suas funções diárias são direcionadas apenas para festa, demonstrando sua individualidade e alcançando uma comunicação social específica que leva ao sentido de sua identidade. Na cidade de Silveiras/SP que representa para pesquisadora este aspecto do mundo rural mais presente a maioria da população se mobiliza para o evento mostrando este rompimento com o cotidiano, assim como, na zona rural.

Na cidade de Aparecida/SP, analisada como um lugar de identidade mais urbano, a prefeitura faz na cozinha industrial e com merendeiras da própria instituição a comida, os foliões não precisam dedicar dias específicos para a festa ou

---

<sup>20</sup> Pesquisadora da área de comunicação fez estudos com a Festa de Santos Reis de duas cidades de São Paulo que localizam muito próximas uma da outra geograficamente e que para a autora diferem no ponto de que em uma (cidade de Silveiras/SP) concentra-se no aspecto rural e a outra (cidade de Aparecida/SP) encontra-se numa forma urbana e por estes motivos conservam duas maneiras diferentes de conceber e representar ideologicamente a Festa de Santos Reis.

mesmo deixar sua vida cotidiana de lado, pois neste ambiente apenas comem e vão embora. Essa relação do trabalho feito pela comunidade e foliões que tem uma gama de relações sociológicas perde espaço para um ambiente feito por profissionais e que transmitem entre os devotos da Festa de Santos Reis poucos significados e comunicações entre seus indivíduos.

Essas alterações estão presentes em um todo social e não apenas nas festas. Para Brandão (1981), a urbanização não é o motivo de destruição de manifestações religiosas que tiveram suas origens no espaço rural. As transformações ocorridas na cultura não têm o poder de se consumarem por si próprias, nem mesmo por formas simples de deslocamentos territoriais. O que demonstra relevância não é a conversão do campo para a cidade, mas sim, “a passagem de uma ordem de relações e sujeitos sociais, para uma outra e para outros sujeitos, ou os mesmos, em novas posições e com novos interesses” (BRANDÃO, 1981, p. 107).

Neste contexto podemos entender que as Folias de Reis passaram por momentos de adaptações em seus rituais marcados pelas transformações sociais que vivenciaram desde sua origem. Nos capítulos que seguem vamos trabalhar com as mudanças e adaptações dessa festa.

### 3 – A COMPANHIA DE FOLIA DE REIS UNIDOS COM FÉ – MARINGÁ/PR

Então nós tinha um grupo de Reis lá na 200<sup>21</sup>, e depois com acabar com café, né, o café acabou, o cafezal né, o pessoal vieram pra cidade né, então nós quase todo mundo vendeu o sítio e veio pra cidade e no caso eu passei a cantar numa outra Folia de Reis e outros colegas que era colega nosso em outros Grupos de Reis né, mas com o decorrer do tempo né, o pessoal se juntara aqui, aquele mesmo grupo da venda 200, e entraram num outro grupo, mas a maioria a maior parte né, era tudo grupo da venda 200 e começamos a cantar junto aqui, só que o presidente desse grupo na época, ele não fazia, ele não fazia assim as vontades como a gente devia, que gente queria né, como nós queríamos né, como nós gostávamos né, aí o pessoal foram desgostando, e veio pessoas de outros Grupo de Reis né e passou a cantar com nós, nesse mesmo grupo, então nós decidimo a formar um Grupo de Reis né, que é esse Unidos com Fé. (Ângelo dos Santos, 63 anos, 20/11/2008).

A formação da Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé aconteceu no ano de 1990 na casa de um dos integrantes, seu nome era Victor Pedro Cabral de Maringá/PR. Na ocasião encontravam-se na casa foliões participantes de outras folias que não existiam mais ou estavam prestes a desaparecer, mas que resolveram naquele momento fundar um novo grupo na cidade de Maringá. O nome *Unidos com Fé* surgiu um pouco por conta dessa junção, unidos pelo ideal de fé e homenagem para com Santos Reis, pois acreditavam e queriam manter suas tradições como devotos dessa manifestação religiosa.

O grupo começou com 34 integrantes atuantes e logo começaram a participar de festivais e de apresentações culturais. Hoje o grupo conta com 27 integrantes que continuam a folia. Essa redução, segundo contam os próprios integrantes da festa, aconteceu por motivos de morte ou mesmo porque alguns antigos integrantes

---

<sup>21</sup> Comércio localizado numa área da cidade de Maringá que, no período de formação do grupo, era considerado um espaço de concentração de sítios em seu entorno.

seguiram para outras localidades e deixaram a companhia. Entre seus integrantes as idades são variadas encontrando representantes de várias gerações, juntas no mesmo grupo, contendo dessa forma estudantes, trabalhadores, aposentados. (...) até inclusive o Padre Israel<sup>22</sup> ele participou de todos os ensaios nosso e reuniões, até sair a Folia de Reis, de dentro da Igreja dele lá<sup>23</sup>, e dali nós continuemo a sair da Igreja (Gabriel Arcanjo Viana, 2009,74 anos)<sup>24</sup>.

No depoimento do Sr. Gabriel Arcanjo Viana podemos observar a presença da Igreja na formação da Companhia Unidos com Fé, essa ajuda se fez por intermédio de reuniões que abordavam assuntos que tinham como tema as maneiras de um folião entrar e se comportar nas casas dos devotos da Festa de Santos Reis. Isso porque, a Folia de Reis passou a ser recriminada por ter sua imagem ligada a homens embriagados, arruaceiros e muitas vezes ladrões. O depoente fala que essa imagem fez com que a Igreja fechasse suas portas e varias famílias seguiram o mesmo caminho.

Não, era fechada a porta. Se você ia chegar, se a companhia ia assim, eles viam já fechavam a porta da Igreja. Porque? Porque aconteceu muitas coisas erradas dentro folião e a folia de reis, os palhaços mexia com criança, mexia e roubava as coisas dentro de casa (...) muita jóia que tinha os palhaço ponhava dentro da sacolinha, pegava muita coisa, deixava os foliões cantando e ia pra cozinha, mexia em coisas dentro da cozinha ( Gabriel Arcanjo Viana, 2009, 74 anos).

A imagem de arruaceiros que as Companhias de Folia de Reis representavam fez com que fossem tomadas algumas medidas para mudar a imagem dos foliões. A primeira coerção diz respeito a bebidas alcoólicas que são estritamente proibidas

---

<sup>22</sup> Padre da Arquidiocese de Maringá

<sup>23</sup> A Igreja a que o Sr. Gabriel Arcanjo Viana refere é a *Sagrado Coração de Jesus* localizada na Avenida São Domingos – Praça Sagrado Coração de Jesus s/n, Vila Morangueira - Maringá/PR.

<sup>24</sup> Entrevista feita em 29/10/2009.

dentro dos integrantes da Companhia Unidos com Fé. O folião que contrariar esta regra esta fora do grupo. Retornaremos a este assunto nos próximos capítulos.

O conceito de instituição imaginária pensada por Castoriadis (1982), enquanto uma rede simbólica, socialmente sancionada, na qual estão presentes um componente funcional e um componente simbólico. “As relações sociais reais de que se trata são sempre instituídas, não porque tenham uma vestimenta jurídica (elas podem muito bem não tê-las em certos casos), mas porque foram estabelecidas como maneiras de fazer universais, simbolizadas e sancionadas” (CASTORIADIS, 1982, p.151).

Tanto na Festa dos Santos Reis como nas relações estabelecidas entre seus integrantes podemos observar formas de leis e coerções. A maneira pela qual cada individuo deve se comportar dentro da casa, o não consumo de bebidas alcóolicas entre outras regras são mantidas pelo grupo e quem desobedecer estara sujeitos a punições ou mesmo ser banido do grupo.

As práticas instituídas podem ser pensadas a partir do componente funcional para o qual uma determinada manifestação foi criada, suportando um conjunto de crenças que legitimam sua razão de ser e seu componente simbólico, expresso por meio dos rituais a partir dos quais seu componente funcional garante sua durabilidade. As instituições formam um todo coerente e funcionam interligadas com as demais instituições existentes na sociedade.

Podemos entender que o conceito de instituição imaginária proposta por Castoriadis (1982) determina um componente funcional que pode ser visto dentro de práticas culturais, pois insiste no princípio de que cada tipo de civilização, cada costume, idéia e crença preenche uma função social vital tendo uma tarefa por realizar, dentro de um todo que representa uma parte indispensável e esse

componente funcional não pode estar separado de um componente simbólico, em relação a isso Castoriadis: “as instituições não se reduzem ao simbólico, mas elas só podem existir no simbólico, são impossíveis fora de um simbólico em segundo grau e constituem cada qual sua rede simbólica” (CASTORIADIS, 1982, p. 142).

Não podemos dizer, neste momento, que as instituições se limitem apenas na sua capacidade funcional e que sejam perfeitamente compreensíveis a partir desse papel. Mas a sociedade não se reduz só a isso, nem suas maneiras de encarar seus problemas são ditadas de uma vez por todas por sua natureza, pois ela inventa e define para si mesma tanto novas maneiras de responder às suas necessidades, como novas necessidades (CASTORIADIS, 1982).

Para Castoriadis (2003), a sociedade com seus indivíduos concretos comporta uma unidade de imensa coesão interna e complicada rede de significados que atravessam, orientam e dirigem o todo da vida. Esta rede de significados é conceituado como o magma das significações do imaginário social, as quais são elevadas por uma sociedade e incorporadas por ela. Tais significados do imaginário social podem ser, por exemplo: os espíritos, os deuses, Deus, o cidadão, o Estado, o partido, o tabu, a virtude.

Chamo imaginárias a estas significações porque não tem nada a ver com as referências ao racional e aos elementos do real, e não foi esgotada por eles, e porque são sustentadas pela criação. E a chamo de sociais porque existem só se são instituídas e divididas por uma coletividade impessoal e anônima (CASTORIADIS, 2003, p.05)

Na Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé observamos um núcleo de indivíduos (os foliões) que estão constituídos por uma unidade (devoção a Santos Reis) e compelida por um magma (a festa) de significados, e se mostram instituídas e divididas por uma coletividade.

Os integrantes da folia dividem-se em *Mestre* (encarregado pela organização do grupo durante o ritual e suas decisões a respeito de quem vão participar em tal dia, quais casas podem visitar, puxar a cantoria na casa do folião) *Contra-Mestre* (ajuda o mestre na cantoria quando este cansado ou nos versos dentro da casa) *Contratante* (responde ao verso do mestre) *Violeiros* (grupo de violões que acompanham a folia) *Caixa* (espécie de bumbo) *Tesoureiro* (encarregado de passar nas casas anotando as prendas a serem doadas) *Bandeireiro* (responsável por carregar a bandeira durante a peregrinação, quando estão na casa do devoto ele é o bandeireiro). Quando todos estão presentes o número é de 18<sup>25</sup> integrantes, eles se revezam durante todos os dias da peregrinação fazendo turnos de quem pode ou não em cada dia estar presente e mantendo assim a folia ativa por todos os dias do ritual. Podemos observar no mundo-social histórico, que este está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico. Podemos encontrar este simbólico em um primeiro momento na linguagem, mas da mesma maneira podemos também encontrá-lo nas instituições.

Na sociedade ou na Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé se constitui sempre uma ordem simbólica de sentido diferente do que o indivíduo pode praticar, mas essa constituição não é livre, ela deve tomar seu conteúdo no que já existe, se apropriando assim de símbolos e práticas do seu dia-a-dia. Podemos entender esta função simbólica como agentes organizadores de determinadas sociedades. É possível a abordagem do estudo das religiosidades, como no nosso caso, a Festa de Santos Reis, analisando conceitos como o de instituição imaginária abordado por Castoriadis. O estudo do fenômeno religioso a partir da análise institucional permite

---

<sup>25</sup> Observação participante realizada em 20 de janeiro de 2006.

ao pesquisador pontuar a sua importância histórica, bem como a sua inserção social e cultural.

Após a benção do padre, o grupo sai da Igreja e vai para a rua conversando entre eles, a bandeira sempre na frente e o mestre logo atrás organizando a folia e não fazem questão de apenas visitar as casas que pedem para serem visitadas no período de peregrinação, se alguém chama a folia eles entram e fazem seu ritual, se tem movimentação na casa batem palma e pedem licença para a folia se o dono aceitar entram, cantam e pedem prendas para a festa e se não aceitar a folia prossegue seu caminho.

A folia chega na casa e bate palma, e o palhaço ou o próprio mestre pergunta: “ô de casa! Tem gente?”. Se o Dono da casa sair e deixar a folia entrar começa o ritual, os músicos se preparam os palhaços do lado da bandeira começam a dançar. A bandeira é dada para o dono da casa que a segura e com isso demonstra que receberam os Santos Reis na sua moradia. O mestre já puxa a cantoria que segue num verso cantado por ele e numa repetição feita pelo resto do grupo. Dizendo a musica os relatos do nascimento, os feitos dos reis magos, mensagens de proteção da folia em sua casa, pedem ofertas para o dia de santos reis e isso tudo se faz na cantoria de entrada na casa. Depois que terminam de cantar os palhaços geralmente é que pedem para o dono da casa a oferta que pode ser dada a folia.

Um dos integrantes do grupo é responsável por anotar no caderno a família e a prenda que irão ajudar no dia da festa, pode ser em dinheiro, comida ou o que puder doar, não tem nenhum critério que estabeleça como deve ser a prenda para cada morador visitado. Na semana que antecede o dia da festa um dos integrantes passa de casa em casa visitada para recolher as prendas que não foram doadas no momento.

Após o morador falar o que deve ser doado, o mestre já puxa: “Vamo agradecer!” E dessa maneira a folia se despede dando graças e agradecendo pela visita da bandeira aquela família, cantando sempre em versos a despedida e agradecimentos, e partem para as próximas casas. De casa em casa o ritual se repete até a chegada do pouso da bandeira.

Na casa do pouso é feita também as cantorias e dessa maneira com os versos pedindo ao dono da casa a licença para poder deixar a bandeira pousar na casa até a o próximo dia. Neste momento a casa que oferece o pouso serve para a bandeira ficar acomodada até poder ser retirada e continuar a peregrinação de onde parou, eles não encerram suas atividades, mas apenas utilizam uma pausa dela. Após encerrarem as atividades do dia com a bandeira bem guardada na casa do folião, o grupo conversa e decide o local exato a percorrer no outro dia, além de marcar as horas que a bandeira deve sair e pousar em novo lar.

Nas casas encontramos devotos de Santo Reis, famílias que já tiveram contato ou na zona rural ou mesmo na cidade com a folia, famílias que prometeram e receberam graças dos reis magos, moradores que pedem proteção para sua casa durante todo ano. Em algumas casas podemos notar relatos do porque queria que a família recebesse a folia. Lugares que demonstram casas de foliões que já morreram, mas que a família mantém viva a tradição de receber os foliões. Dois casos que nos chamaram a atenção: Primeiro: o relato de uma mulher que, quando recebeu a folia dizia que não gostava muito da festa, pois lembrava que existiam, quando eu era mais jovem, (mulher de 40 a 50 anos) folias em que os integrantes bebiam demais e que achava que era só bagunça, e após a morte do marido que gostava muito da folia pediu que a folia a visitasse em sua homenagem. Como observou que eles não bebiam bebidas alcoólicas era mais aceita por ela e que,

daquele dia em diante em homenagem ao marido, queria que o grupo passasse todo o ano. Segundo: Uma senhora (60 a 70 anos) que fez uma promessa a Santo Reis, caso seu pedido fosse atendido, iria receber todos os anos a folia em sua casa, e sua graça tinha acontecido naquele ano (a graça aconteceu devido a uma doença curada).

Outro aspecto a ser ressaltado é que nas casas o contato entre foliões e devotos, entre uma despedida e outra, num cafezinho aqui, um guaraná ali. Nenhuma bebida alcoólica é permitida no grupo e quem não obedecer isso é retirado do grupo. Mas um bate papo é sempre mantido e convidando para a festa da chegada. Lugares na zona rural já são escolhidos pelos donos das casas para dar café da manhã e almoço aos foliões.

O mestre organiza os movimentos da folia sempre, se entre uma casa e outra precisa puxar a orelha do grupo por ter saído antes da cantoria final a bronca já se faz presente com todos prestando atenção na fala do mestre e aceitando sem responder as suas orientações. Não se admite falta de respeito com o dono da casa em hipótese nenhuma. E assim a folia prossegue no seu ritual todos os anos indo a cada casa e trocando graças sagradas por doações para festa de santos reis.

## **CAPÍTULO II**

### **O CICLO TRADICIONAL DA FOLIA**

## CAPÍTULO II

### O CICLO TRADICIONAL DA FOLIA

A formação de um ritual como da Companhia de Folia de Reis acontece através da maneira de se pensar e de agir, assim reafirmam e reelaboram os significados e as ações pertencentes ao grupo. Essas formulações contribuem para a elaboração de mecanismos que possibilitam encontrar e analisar sua identidade. Além disso, são históricos porque estão ligados a operações e definidos por funcionamentos (CERTEAU, 1982, p.32).

Na maioria das casas visitadas os moradores já haviam tido contato de alguma maneira com a Folia de Santo Reis, ou porque fazem parte de famílias de falecidos foliões, pessoas que viveram no espaço rural e tiveram influência dessa cultura em suas vidas, ou mesmo, porque são devotos de Santo Reis que pedem para o grupo passar em suas casas devido a graças alcançadas.

O comportamento de um *homo religiosus*, assim como expressa Mircea Eliade (2001), é caracterizado pela sua sacralização do tempo, do espaço e mesmo da natureza. Este “homem religioso” tem a necessidade de habitar esse espaço e esse tempo sagrado, pois o sagrado nada mais é para ele do que o real e a vivência do mundo que se faz necessária a todo instante. Neste sentido é fácil compreender que o homem religioso deseje profundamente ser participante da realidade, saturar-se desse poder.

Para melhor compreender nossa pesquisa e o trabalho de campo realizado, vamos recorrer a fotografias para facilitar a compreensão de nosso objeto de pesquisa. Os Estudos Visuais buscou uma proposta de análise com perspectivas multidisciplinares que procuram problematizar a centralidade das imagens e a importância do olhar.

Ao utilizarmos a fotografia, podemos observar que há algum tempo a história não é mais dependente apenas de textos escritos, que o valor de uma pesquisa seria se faz apenas com textos. A necessidade por parte dos historiadores em problematizar temas bem pouco trabalhados pela historiografia tradicional levou-os a ampliar seu universo de fontes. A tradição oral, os diários íntimos, a iconografia e a literatura apresentam-se como fontes históricas de riquíssima informação. Mas esse novo horizonte de fontes fez com que os historiadores se deparassem com as possibilidades múltiplas de interpretações, às quais não estavam acostumados, por isso, necessitaram recorrer à antropologia, à sociologia entre outros campos de conhecimentos, com o objetivo de compreender melhor as novas linguagens, por eles utilizadas, e assim decodificar sistemas de signos e decifrar vestígios sem nunca perder seu referencial histórico e a visão do todo.

Segundo Mauad (1996), a fotografia é fonte histórica que precisa do historiador um novo tipo de crítica, analisando que o testemunho é válido tanto se estiver documentando um fato ou representando um estilo de vida:

[...] parafraseando Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado - condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo. ( MAUAD, 1996, p.8 )

A fotografia tem na sua produção uma carga cultural que precisa ser analisada na perspectiva de quem a produziu, ou seja, ela não está estática e condensada em um apertar de botão, mas sim, é um documento que nos informa

acerca de seu autor, o fotógrafo, e da tecnologia por ele utilizada. A preservação iconográfica das fotos tiradas em pesquisa de campo apresenta uma das possíveis leituras a respeito das informações contidas em cada fotografia.

Para o pesquisador a leitura de qualquer fonte requer um trabalho de reflexão entre as fontes e as hipóteses, o que lhe permitira estabelecer as perguntas que deseja fazer aos documentos. Esta relação fonte-hipóteses sugere a necessidade da crítica interna do documento (ALBUQUERQUE e KLEIN, 1987, p. 298).

A atitude do pesquisador em relação à fotografia deve ser a de observar e levantar o conteúdo da imagem, buscando seu contexto; compará-las com outras fotos que possuam o mesmo conteúdo, para compreender como um mesmo tema pode ser registrado de diversas perspectivas; detectar fragmentos temporais presentes no momento da fotografia, pois assim poderá relacionar o momento do registro com o momento presente; até a orientação dos corpos deve ser analisada, pois não é gratuita e pode traduzir autoridade, subordinação, disciplina.

A fotografia sempre traz a possibilidade de observação a todo o momento, dependente do olhar de cada pesquisador, de sua ideologia de sua formação e de sua pesquisa estar voltada a um determinado olhar. Neste contexto a fotografia é mais uma técnica de documentação, junto com o caderno de campo e o gravador. Podemos estimular a relação com o grupo estudado e abrir um campo de diálogo, de expressão da memória e das reflexões dos informantes sobre as imagens devolvidas (GODOLPHIM, 1995, p. 167).

Assim compreende-se que as representações culturais registradas em imagens fotográficas podem acionar um processo comunicacional individual e coletivo, ou seja, entre o sujeito e o grupo, na medida em que os momentos forem sendo registrados outra vez ou re-editados, lembrando e atualizando a imagem sobre os acontecimentos nos instantes da comunicação.

Para as análises das fotos usaremos as fichas desenvolvidas por Mauad (1996), entendendo que a foto pode sugerir uma compreensão leitor/destinatário que se dá em dois níveis. O primeiro nível interno à superfície do texto visual, originado a partir das estruturas espaciais que constituem tal texto, de caráter não-verbal e outro de nível externo à superfície do texto visual, originado a partir de aproximações e inferências com outros textos da mesma época, inclusive de natureza verbal. Neste nível, podem-se descobrir temas conhecidos e inferir informações implícitas.

Vamos analisar cada foto e demonstrar suas informações nessa perspectiva:

- Agência Produtora/Autor (referência de quem fotografou e se constitui de uma foto produzida por um profissional ou amador);

- Ano (ano do registro visual);

- Local retratado (lugar em que a imagem foi registrada);

- Tema retratado (qual foi o objetivo desse registro visual);

- Pessoas retratadas (Figuras principais que participam da estrutura da imagem);

- Análise da Foto (tradução do pesquisador transformando imagem analisada em texto);

- Tempo retratado (dia/noite);

- N° da foto.

Para a análise da Festa de Santos Reis recorreremos ao antropólogo Martín (1990) que trabalha com uma metodologia de ficha-modelo para pesquisar qualquer tipo de festividade. Propõe uma síntese investigadora e explicativa da festa que caracteriza um modelo etnográfico pontuando fatos artístico, historicista e geográfico. Para este método elaborou um questionário para os estudos de festas

populares e regionais. Nossa análise da Festa de Santos Reis vai se basear em tópicos presentes da ficha-modelo de Martín (1990).

## **CICLO FESTIVO**

A Festa de Santos Reis abre o calendário das festas religiosas do calendário católico. A Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé começa sua festividade na noite do dia 24 de dezembro prolongando-se geralmente até o segundo ou terceiro sábado de janeiro.

A Festa de Santos Reis pesquisada encontra-se situada na cidade de Maringá/PR, mas em sua peregrinação anual visita outras cidades da região. Podemos situar a festa no espaço urbano e no espaço rural, pois a Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé se faz presente nos dois espaços.

Demonstra-se nas manifestações de práticas religiosas a formação de espaços e lugares sagrados. Nas Companhias de Folias de Reis estes espaços são firmados pelos integrantes dos grupos, caracterizado pela peregrinação que realizam, levando a Bandeira do grupo como símbolo maior destas companhias e sacralizando cada casa em que passam em seu caminho de peregrinação. “O lugar simbólico não é meramente descoberto, fundado ou construído. Ele é reivindicado, possuído e operado pela comunidade religiosa” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 203).

O espaço tradicional é visitado no período festivo de 25 de dezembro a 06 de janeiro, em que o grupo faz suas peregrinações pelas casas dos devotos de Santo Reis. O espaço institucional<sup>26</sup> tem o Festival de Folia de Reis como representação e

---

<sup>26</sup> Falaremos deste espaço com mais detalhes no próximo capítulo.

assim como a Festa de Santos Reis acontece anualmente. “O tempo sagrado, marcado no calendário litúrgico de festas religiosas, contribui para que o grupo religioso reforce o sentido de pertencimento à instituição religiosa” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 205).

Analisamos assim a importância das festas religiosas, pois alimentam em seus devotos o pertencimento a um grupo social, que demonstra uma identidade comum. Dentro destes núcleos notamos a ligação e formulação de práticas e formas de viver em conjunto pois os códigos são interpretados no mesmo sentido.



Foto nº 01. A Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé no espaço rural. Local: Sítio na região metropolitana de Maringá/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

Esta foto retrata a Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé e moradores do sítio, durante o dia. Na imagem podemos observar a presença da Festa de Santo Reis no espaço de sua origem, ou seja, o espaço rural. No roteiro que segue a festividade alguns dias são dedicados a moradores da zona rural, geralmente concentram essas visitas nos fins de semana por conta das famílias estarem mais

distantes da cidade e a locomoção para essas áreas ser mais difícil, pois falta transporte para os foliões.

O nome pode variar em algumas regiões, e sua estrutura festiva também. Nomes como Reisado, Folia de Reis, Festa de Santos Reis foram escolhidos por autores como Cascudo (1984), Brandão (1981) e Porto (1982).

A celebração de Santos Reis ocorre anualmente no dia 06 de janeiro, data que celebra a chegada dos Três Reis Magos (Gaspar, Baltazar e Melquior) para visitar o menino Jesus. A Companhia Unidos com Fé começa a festa na noite do dia 24 para o dia 25 de dezembro, isso porque é quando todos os foliões participam da Missa de Natal em uma das igrejas católicas de Maringá/PR programadas pelos foliões para começar a sua peregrinação<sup>27</sup>. Após a missa a Companhia Unidos com Fé se reagrupa fora da Igreja e dá início as visitas das casas dos devotos cantando e orando. Falando das cantorias em ritos religiosos Mauss diz:

Os rituais em forma de música, cantos, envolvendo outras formas de declamar a prece religiosa, são considerados eficazes porque “o mundo vivido e o imaginado fundem-se sob mediação de um único conjunto de formas simbólicas”. (MAUSS Apud CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 214).

As músicas têm uma maneira de fixar o devoto, folião ou mesmo um observador fazendo com estes se envolvam nos relatos que estão sendo vivenciados em cada melodia, em cada letra cantada ou declamada. As formas simbólicas ficam mais vivas na memória de todos os indivíduos.

A finalização da festa geralmente ocorria no dia 06 de janeiro, pesquisas como de Brandão (1981) analisa que no espaço rural o número de casas a serem visitadas caracterizava-se por ser menor e assim era possível terminar o giro ou a

---

<sup>27</sup> Em vários lugares e regiões do Brasil a peregrinação tem também a designação de “giro” ou “giro da bandeira”, é a movimentação feita pelos foliões de casa em casa.

peregrinação na data de Santos Reis. Mas, o extenso número de casas a serem visitadas pelos foliões na cidade e no campo todos os anos faz com que a Companhia Unidos com Fé aumenta seus dias de peregrinação e visitação nas casas dos devotos de Santos Reis. “Aumenta muito, cada ano que nós faz aumenta” (Gabriel Arcanjo Viana, 29/10/2009, 74 anos).

(...) inclusive até que cresceu muito isso ai, que nós, quando nós começamos, nós só fazíamos aqui o Jardim Alvorada, né, aqui na cidade, só Jardim Alvorada uma parte da Morangueirinha, uma parte da Santo Antonio né, e a Vila Santa Izabel. Hoje não, hoje já cresceu, hoje nós fazemos, tudo essa parte, fazemos o Requião, fazemos o João Paulino, Conjunto João Paulino, Ebenezer, Parque Avenida, Hortência, as vezes uma parte do Laranjeiras e nós fazia na época a zona rural, nós fazia ali a zona rural, uma parte de Floriano e essa parte aqui da venda 200, fazia as vezes uma parte da Guaipó, e nós fazia umas quatro, cinco zona rural, só que hoje não da tempo mais, porque hoje aumentou muito aqui na cidade (Sr. Ângelo dos Santos, 20/11/2008, 66 anos)

Existe um roteiro organizado<sup>28</sup> que decide onde e que casa visitar durante a peregrinação, mas no roteiro do dia se algum devoto que não esta na lista de visitas, mas pede para a Bandeira da Folia de Reis passar em sua casa este devoto é visitado. O grupo não deixa de atender aos pedidos, portanto se houver, por exemplo, 15 casas a serem visitadas no dia esse número pode subir para 30 casas mostrando como a cada ano aumenta esse numero de casas visitadas e prolongando a data da peregrinação que em seu principio terminava no dia 06 de janeiro e hoje podendo se estender por mais 4 ou 5 dias.

---

<sup>28</sup> A festa de Santo Reis começa a se organizar antes do período que compreende as festas natalinas, o grupo se reúne várias vezes nos meses que antecedem a festa. Esses encontros geralmente acontecem na casa de um dos integrantes, que sede o espaço para confraternização do grupo e para tomada de algumas decisões de ordem econômica (comprar instrumentos, comprar roupas ou mesmo obtenção de recursos para o grupo etc.), além da decisão do roteiro a ser seguido nos dias da festividade, entre outras deliberações. Um momento importante que se destaca nestes encontros são os ensaios das canções que o grupo vai apresentar na sua peregrinação e também nos festivais, nos quais vão participar.



Foto nº 02 - Bênção do Padre para Companhia de Folia de Reis, à noite. Local: Igreja Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

Esta foto retrata a companhia de Folia de Reis Unidos com Fé e a bênção do padre. Nesta composição observamos o momento do dia 24 de dezembro (um pouco antes da meia noite) em que a Companhia Unidos com Fé recebe a bênção do Padre antes de começar sua peregrinação anual de casa em casa. Com a Igreja lotada o grupo faz sua primeira cantoria com versos alusivos ao nascimento do Menino Jesus e agradecendo a sua presença neste local.



Foto nº 03: Proteção da Bandeira. Local: Igreja Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

Podemos perceber nesta imagem o momento em que a Companhia de Folia de Reis deixa a Igreja, após a missa e se prepara para a peregrinação. A Bandeireira, que na foto destaca-se pela menina que segura a Bandeira da Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé esta em uma das portas da Igreja e dessa maneira os foliões e devotos de Santos Reis beijam, passam por baixo da Bandeira de Santos Reis e fazem o Sinal da Cruz (Gesto que lembra a santíssima trindade Pai (Deus), Filho (Jesus Cristo) e Espírito Santo). Rituais que transmitem para estes devotos de Santos Reis a proteção e o respeito pela Bandeira.

## O Tempo da Festa

A Festa de Santos Reis tem uma distinção de ocorrer tanto em dias festivos como a “Saída da Folia de Reis” que é o início da festividade e que acontece na noite de natal a “Festa da Chegada” que representa o fim da celebração e acontece em homenagem a Santos Reis feita pela Companhia Unidos com Fé geralmente no segundo sábado depois do dia 06 de janeiro (Dia de Santos Reis). Mas também observamos de estar presente em dias comuns, ou seja, dias que não ocorrem celebrações festivas. Isso porque a peregrinação acontece do dia 24 de dezembro até o dia 06 de janeiro<sup>29</sup>, e entre estas datas existem os dias que denominamos de comuns, mas que a Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé esta festejando e relembando o nascimento de Jesus de casa em casa.

### **Distribuição temporal dos principais atos festivos:**

Dia: 24/12 (Noite)

Ato: Saída da Companhia de Folia de Reis

Dia: 25/12 – 06/01 (Manhã/Tarde/Noite)

Ato: Peregrinação ou Giro da Folia de Reis.

Dia: Segundo sábado de janeiro (Tarde)

Ato: Chegada da Companhia de Folia de Reis

---

<sup>29</sup> Na Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé essa data prolonga-se um pouco mais, dois ou cinco dias a mais.

## Rituais religiosos não litúrgicos

O ritual religioso da Companhia de Folia de Reis acontece dentro da casa dos devotos.

O bastião é o guardião da bandeira, é o animador da companhia da peça tudo é o bastião, sabe, ai eles travessa ai eles chega ao portão da casa e saúda o dono da casa e pergunta se aceita a companhia de reis? Se recebe a companhia de reis e os foliões? Ai a pessoa: - Sim, quero! Então vamo chega, vamo chega pessoal, ai a dona da casa pega a bandeira, a dona ou o dono da casa pega a bandeira, uma moça ou um menino e leva pra dentro e a companhia acompanha, entra dentro da casa e vai cantar, ai canta, canta, saudando a família né, ai canta pedindo a oferta. Primeiro saúda a família sempre, com os versos de acordo com Santo Reis, nossa senhora, menino Jesus (Gabriel Arcanjo Viana, 29/10/2009, 74 anos).

No momento em que o dono da casa segura a Bandeira de Santos Reis ele, sua família e sua casa estão recebendo a bênção. Quase tudo acontece dentro da casa em formato de cantoria. Tem pessoas que pegam a bandeira e entram para dentro da casa passando em todos os lugares para receber proteção e a Companhia canta pedindo a bandeira de volta. Cantam agradecendo, cantam abençoando, cantam pedindo prendas para festa. O ritual consiste em cantar e rezar.

Após rezarem, pedirem proteção e harmonia para casa os foliões voltam para o quintal e então acontece neste momento o pedido feito pelo Palhaço. Ele pede as prendas ou dinheiro para a Festa da Chegada, não é recusado nada e nem tem um valor fixo o folião decide o que vai doar para os Santos Reis. Existe uma função dentro da Companhia de Santos Reis que é denominada de Secretário da Folia de Reis, este é o responsável por anotar em um caderno as prendas e doações oferecidas pelos devotos e que vão ser recolhidos antes da festa.

Segundo Brandão (1981) existe uma troca de bens simbólicos e materiais entre foliões e devotos que se realiza de maneira em que o devoto de Santos Reis

entrega bens materiais (as prendas, doações de comida ou dinheiro) e em troca recebe dos foliões bens simbólicos (proteção e graças).

As casas que estão inseridas no espaço urbano são visitadas, com um roteiro pré-estabelecido, mas não é seguido na risca, isso porque novas casas aparecem no caminho e são todas visitadas. O que existe é um roteiro exposto pelo grupo, mas conforme este vai sendo realizado, vizinhos das casas visitadas pedem para a Folia passar em suas casas também, podendo chegar a uma média de 30 casas visitadas. Na zona rural por ter uma concentração menor de moradores o número de casas visitadas neste período também é menor, mas as distâncias maiores dificultam a locomoção da Companhia de Santos Reis.

Nas casas, as visitas demoram geralmente o tempo de 10 minutos, que corresponde a cantoria e o pedido de prendas. Entre copos de refrigerantes e cafezinhos o dia vai passando até escurecer e chegar o local que a Bandeira vai pedir pouso, locais já demarcados pelo grupo antes da peregrinação. A Bandeira da Folia de Reis sempre pousa na casa de um dos foliões ou mesmo devotos para seguir sua peregrinação no próximo dia.

Prosseguem assim por vários dias, visitando as casas, que fazem parte do itinerário agendado pelos foliões, ou seja, antes dos dias festivos os devotos de Santos Reis procuram o Sr. Gabriel Arcanjo Viana que é o embaixador da Companhia Unidos com Fé para a Bandeira da Folia de Reis passar em suas casas, outras casas já fazem parte todos os anos da peregrinação. Durante os dias de festejo e visitas à casa dos devotos os horários são estabelecidos pela disposição de seus componentes, conforme a disponibilidade que conseguem no trabalho, geralmente durante a semana (segunda, terça, quarta, quinta e sexta) é feita a peregrinação depois do horário de trabalho e no final de semana (sábado e

domingo) acontece durante todo o dia. A peregrinação significa no ritual o sacrifício que oferecem para Santos Reis em virtude das graças concebidas anualmente.



Foto nº 04. Ritual da Folia de Reis na casa do devoto. Local: Casa de devoto localizada no Bairro Morangueira Maringá/PR.. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

A fotografia é de umas das casas visitadas da Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé. A visita foi feita por uma moradora que tinha o marido falecido e que gostava da Festa de Santos Reis, por promessa feita pediu para que a Bandeira passasse em sua casa. As cantorias que seguiram dentro da casa foram com versos de agradecimentos ao dono da casa, proteção divina a casa e seus moradores, versos falando do nascimento do menino Jesus, pedidos de prendas e agradecimentos em nome de Santos Reis.

## O Palhaço ou Bastião

O palhaço esse vai chegar na frente, ele vai chegar na frente e pedir licença pro dono da casa, se ele aceita a Companhia de Reis. Se o dono da casa diz: Aceito! Ai ele diz: “Aceita, aceita a Folia de Reis toda a bandeira dos Reis e toda a Companhia de Reis?” Ai se o patrão diz: “Aceitamo”. Ai os palhaço diz: “Então pode chegar meus canarinho”. Ai o embaixador chega já saudando o dono da casa, primeiro verso dele é saudando né, saudando o dono da casa com toda a familia né (Sr. Ângelo dos Santos, 20/11/2008, 66 anos).

Os Palhaços ou Bastiões como são denominados fazem parte dos personagens com trajes especiais ou mesmo disfarçados que participam da Festa de Santos Reis. Na Companhia Unidos com Fé trabalham como protetores da Bandeira de Santos Reis e alegram as visitas com danças e brincadeiras. Assumem algumas funções no ritual de grande importância, eles podem chamar o dono da casa para visita da Companhia de Santos Reis, fazem o pedido da doação de prendas para a festa e quando encontram um presépio na casa são chamados para recitar versos em homenagem ao nascimento do menino Jesus.

O palhaço é o que anima a Folia de Reis. Uma Folia de Reis sem palhaço ela é muito difícil né, ai a responsabilidade fica toda em cima do mestre do embaixador né. E o palhaço, tendo os palhaço 80% ele já faz fica 20% pro, pro mestre porque se tem alguma coisa a se decidida o palhaço já chega e já fala né, ele já une. O mestre que é o embaixador ele já tem que decidir aquilo que perguntar a coisa cantando e o palhaço não, ele já entra falando né, então vai mais rápido né. (...) Exatamente, e qualquer coisa que tem pra desenrolar as vezes numa entrada numa casa ou qualquer lugar, então se ele for um palhaço esperto ele já decide aquilo não precisa embaixador cantar, né, se ele é um palhaço esperto ele mesmo já faz a parte do do embaixador falando, então é já reduz um verso a menos ou mais versos pro embaixador cantar. (...) Pra chamar atenção do povo, porque o palhaço é que chama atenção né, do pessoal e da Folia de Reis, porque aonde uma Folia de Reis chega a maioria do povo ele ta, principalmente a criançada né, eles tão com atenção dos palhaço né, eles que vê a brincadeira né (Sr. Ângelo dos Santos, 20/11/2008, 66 anos).

Podemos entender que o Palhaço ajuda ao embaixador a conduzir o ritual dentro da casa. Uma das ajudas descritas pelo Sr. Angelo dos Santos é a maneira de perguntar para o dono da casa se alguém vai agradecer, se é promessa de finado ou outro tipo de cantoria especial que se deve fazer e assim avisar para o embaixador.

(...) os palhaços até tem nomes ou de Alferes, ou de Marungo, ou de Bastião ou de Samaritano ou de outros nomes populares que variam conforme a região. Representam os guardiões do menino Jesus e da Bandeira dos Santos Reis. Eram, segundo se crê, em diversos lugares do Brasil, respectivamente, Capitão e Coronel da Guarda do rei Herodes. Teriam sido os dois militares detetives, que seguiram secretamente investigando os passos dos Reis Magos para conhecer o lugar onde tinha nascido o Rei dos Judeus, a quem, logo em seguida, pela informação desses dois soldados, disfarçados em palhaços, Herodes pretendia matar o menino Jesus. Para não ser reconhecidos como militares, vestiam-se de palhaços e máscaras de couro. Movidos pelo Divino Espírito Santo, ao encontrarem o Deus Menino Jesus, desistiram de sua missão secreta, tiraram suas máscaras e adoraram o menino Jesus com um beijo. Daí em diante passaram a fazer parte da guarda de Jesus (PEDROSO, 2003, p. 126 – 127)



Foto nº 05. Palhaços da Folia de Reis. Local: Salão Paroquial Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2009.

A imagem nos permite analisar o personagem Palhaço ou Bastião que compõe a Festa de Santos Reis. Na peregrinação ele fica atrás da bandeira, só passa a sua frente para chamar os foliões na casa e pedir prendas para a Companhia de Santos Reis. Vestidos sempre com roupas bem coloridas, bastões de madeiras com formato de espadas, usam uma bolsa ou até mesmo sacola de pano que colocam o dinheiro e balas que recebem pelos devotos e máscaras caricaturadas do rosto humano. Esse momento é do Festa da Chegada da Folia, os Palhaços fazem brincadeiras e dançam enquanto tem cantoria. Algumas pessoas jogam moedas para os Palhaços fazerem brincadeiras (rasteira, pular em cima de outro Palhaço) entre eles, é uma forma de doação para a Festa e também de homenagear os Reis Magos e eles possam atender aos pedidos dos devotos.

## A Bandeira



Foto nº 06: A Bandeira. Local: Igreja Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

“Temos a bandeira né, inclusive é até a neta do seu Gabriel né, é mas acontece que as vezes um dia que ela não pode ir então você a substitui por qualquer algum integrante lá né” (Sr. Ângelo dos Santos, 20/11/2008, 66 anos).

A Bandeira de Santos Reis tem todo um significado especial, é nela que o dono da casa segura para a apresentação da Companhia Unidos com Fé. Quando o devoto recebe a Bandeira de Santos Reis ele está recebendo as graças, o poder divino, o poder do sagrado. Existe uma pessoa responsável pela bandeira que chamam de Bandeira ou Bandeiro. Todos os dias da festividade a Bandeira sai

de uma casa e pousa em outra, a casa do pouso é o final de um dia todo de peregrinação.

Sim, a estrela, a Estrela da Guia ela existe ali na bandeira ela tem que existir né, que a Estrela da Guia. Na bandeira esta a Sagrada Família, os Reis Magos e a Estrela Guia. (...) porque a Estrela Guia ela é a principal numa Folia de Reis, porque foi ela que guiou os três reis do Oriente até Belém aonde o menino nasceu e depois trouxe de volta né, de Belém para o Oriente né, então os três reis foram seguidos eles conseguiram achar aonde Jesus nasceu através da Estrela Guia, né, por isso que ela não pode faltar na bandeira e ela que nos guia nós que somos devotos de Santo Reis nós tem ela como guia (Sr. Ângelo dos Santos, 20/11/2008, 66 anos).



Foto nº 07: Bandeira. Saída da casa de pouso da Bandeira de Santos Reis. Local: Casa de devoto  
Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

Podemos notar na fotografia a Bandeira de Santos Reis em todos os seus aspectos. No centro da Bandeira podemos notar um desenho que mostra a visita

dos Três Reis Magos ao Menino Jesus. O nome da Companhia vem logo acima da figura central. Ela é adornada com fitas que significam as promessas feitas aos Santos Reis e Flores que são o símbolo da alma.

### **Gastronomia**

No que diz respeito à gastronomia, a festa não demonstra ter uma comida típica específica, mas os valores do mundo rural podem ser localizados neste momento. Comidas típicas como leitoa assada e o frango fazem parte do cardápio que relembra o espaço rural que muitos dos foliões já vivenciaram por serem descendentes ou remanescentes do campo. O lugar geralmente se faz em um Salão ou Capela Paroquial da cidade de Maringá, depois do encerramento da peregrinação é servida a comida, isso acontece no entardecer. Os participantes que ajudam na cozinha geralmente fazem parte da família dos foliões ou são membros da própria igreja católica. A comida é gratuita e chegam a distribuir refrigerantes, mas as bebidas alcoólicas são vendidas.

Exatamente e é aí aquelas ofertas que a gente receberam né, na festa vai ser retribuída, revertida né, os frangos, são juntados os frangos as leitoas, dinheiro pra comprar refrigerante, pra comprar um monte de coisa que precisa né. É, a leitoa é matada as leitoas, o frango tudo pra fazer o jantar com o pessoal. Macarrão, arroz que a gente recebe (...) Que nós precisa de muitas pessoas fora, só o pessoal da família não dá né, então temos muita gente que não faz parte do grupo e se prontifica pra cozinhar, pra ajudar a servi a mesa né, pra ajudar a enfeitar o salão né (Sr. Ângelo dos Santos, 20/11/2008, 66 anos)

### **Organizadores e Composição da Folia de Reis**

Na composição da Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé existe a Bandeira da Folia de Reis e sua Bandeira responsável por carregar a Bandeira durante todo o ritual e logo atrás identificamos os Palhaços. Quem aparece depois é

o Embaixador da Folia de Reis este integrante é responsável pela organização da Companhia de Santos Reis em cada casa e de puxar as cantorias<sup>30</sup>, atualmente esta função esta dividida na Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé entre o Sr. Gabriel Arcanjo Viana e seu neto, Jhonatan. Os músicos e cantores finalizam a composição da Folia de Reis.

(...) quando sai naquele intervalo, a gente para e eu falo, pessoal vamo conversar um pouco aqui, que tal coisa que aconteceu ali, não é para acontecer mais (...) sabe fazer força para não acontecer mais. Então todo mundo é consciente, é uma beleza, não tem mais amolação não (Gabriel Arcanjo Viana, 29/10/2009, 74 anos).

Neste relato transcrito da entrevista do Sr. Gabriel Arcanjo Viana, ele descreve como organizar a Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé e detém a responsabilidade do grupo, mostrando estar sempre atento para qualquer abuso de algum folião durante as visitas em cada casa do devoto.

---

<sup>30</sup> Nos próximos capítulos serão descritas as cantorias e a formação dos músicos dentro da Companhia Unidos com Fé.



Foto nº 08: Composição da Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé. Local: Rua próxima da Igreja Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR. Autor: André Renato/Arquivo da Prefeitura Municipal de Maringá, 2009.

A foto nos mostra a formação e composição da Folia de Reis. Na frente da Companhia de Santos Reis vem a Bandeira, seguida dos palhaços e atrás dos palhaços o Embaixador da Folia de Reis e seus músicos que ajudam na cantoria.

Os indivíduos que integram a Companhia de Santos Reis são os organizadores da festa, formados por indivíduos pertencentes à Igreja Católica e que tem em comum a devoção a Santos Reis. Para pertencer ao grupo bastam à devoção e a fé aos Três Reis Magos, geralmente os participantes tem uma ligação por família com a festividade, mas existem foliões que integram o grupo por promessa ou mesmo pedindo uma graça aos Santos Reis.

Eu era molequinho, idade assim de 5 anos e as Foliás de Reis ia na casa dos meus pais, na nossa casa e la eles jantavam, eles pousavam né. E cantava e eu achava bonito, às vezes pegava o cavaquinzinho, não sabia tocar nada, mas depois que a Folia ia

embora, pegava ali e ficava cantando, com meus primos né (Sr. Ângelo dos Santos, 20/11/2008, 66 anos).

Não existe uma política de substituição por voto, geralmente conversam e se acertam entre todos. O Sr. Gabriel Arcanjo Viana demonstra que o grupo não demonstra muitos atritos deixando as decisões serem tomadas pelo Embaixador e Secretário da Folia de Reis.

Mas o comando desse grupo ta entre eu e o Sr Ângelo, nós dois, então, nós combina as coisas e o que nós combina com os outros ta combinado. Eles já falam: vocês dois estão de acordo esta tudo beleza com nós, então não tem amolação, ta uma beleza mesmo sabe, aonde o grupo melhorou muito foi nesse lado ai, porque quando tava aquele grupão tinha muita idéia, muito palpíte né, um queria uma coisa, outro queria outra, às vezes tinha até que parar no meio da estrada para conversar, para ajeitar, dava confusão. Acabou! Não tem mais (Gabriel Arcanjo Viana, 29/10/2009, 74 anos).

### **Aspectos musicais**

Na composição da Companhia de Santos Reis Unidos com Fé os instrumentos normalmente utilizados são: violões, viola, bandolim, cavaquinho, caixa e pandeiros. De acordo com Kimo (2006), instrumentos como rabeca (Formato semelhante a um violino) tem sua construção e sonoridade mais rústicas, o cavaquinho (instrumento de quatro cordas, manufaturado, e não difere daqueles utilizados nas rodas de samba e choro carioca.), viola ou violão (As violas de dez cordas têm a função de acompanhar e coordenar harmonicamente as canções, sendo inclusive responsáveis pela ampliação de corpo e volume sonoro instrumental dos cantos e danças.), caixa e pandeiro (instrumentos de percussão), são os instrumentos usados em folias. Outros instrumentos como os de sopro, sanfona ou

teclado não são muito utilizados pelos grupos em geral, muitas vezes pela dificuldade de carregá-los.

Kimo (2006) relata que de forma geral as diferentes estruturas instrumentais dos ternos, primam pela existência de três características referentes ao potencial sonoro dos instrumentos para produzir harmonia, melodia e ritmo, por isso ele classifica os instrumentos nessas três categorias, e se houver uma mudança de instrumento de um terno para outro, esse novo instrumento tem que estar na categoria do substituído, para que a qualidade da performance não seja prejudicada.

Potencial Sonoro	Instrumento Correspondente
Harmonia	Viola de dez cordas, violão e cavaquinho
Melodia	Rabecas
Ritmo	Caixa de folia e pandeiro

KIMO, Igor Jorge. **Música, ritual e devoção no Terno de Folia de Reis do Mestre Joaquim Poló.** Mestrado da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

Para Kimo (2006), cabe a esses detentores do saber popular a missão de preparar e estimular a sensibilidade dos futuros praticantes do sagrado aos fundamentos significativos do sistema religioso. Esses mestres devem estar atentos às transformações operadas na sensibilidade estético-musical dos futuros noviços. Caso contrário, o ciclo de reposições pode romper-se, ocasionando o fim da tradição. Como observa Carvalho (1999), a sensibilidade musical sofre constantes transformações face tantas e tão freqüentes inovações tecnológicas que afetam diretamente o lugar da música para o indivíduo e para a sociedade.

Dentro do ritual da Folia de Reis, as letras das canções são o meio pelo qual os foliões expressam seus “recursos lingüísticos, figurativos e semânticos”. Um dos principais símbolos, recorrente em todas as canções que compõem as seções, remete à travessia realizada pelos Três Reis Magos em busca do local de nascimento do menino Jesus. Suas jornadas lembram as dificuldades enfrentadas pelos reis e a forma como eles doaram seus corpos para adorarem a criança sagrada. As músicas da Companhia de Santos Reis Unidos com Fé se perpetuam através das gerações, por dinâmicas próprias da oralidade, passando por transformações e transcrições continuamente necessárias para a sobrevivência e permanência cultural de seus praticantes, chegando hoje aos nossos ouvidos como um forte veículo de devoção que compõe a paisagem sonora de toda uma população atual.

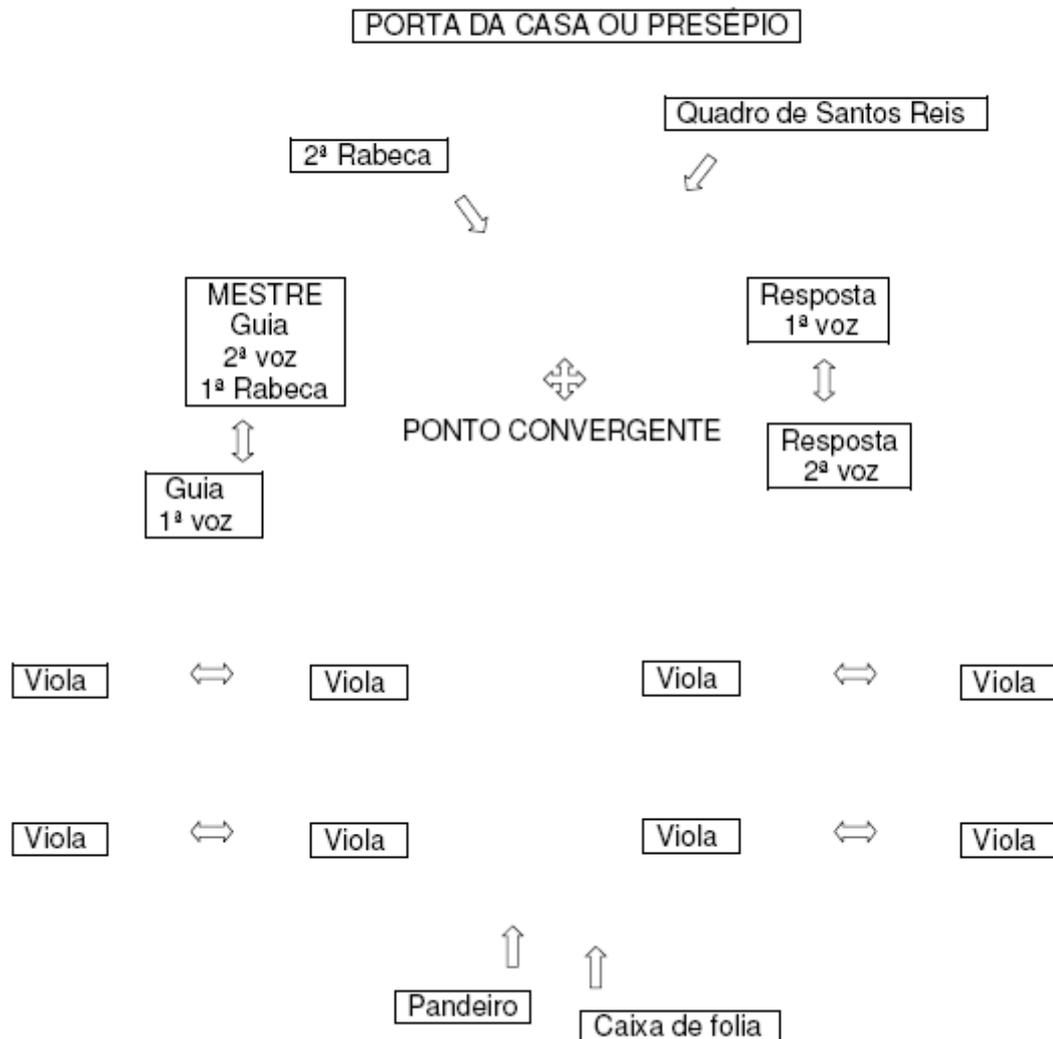
Kimo (2006) defende que o acesso ao mundo sagrado é alcançado, não pelo uso de dialetos específicos, mas através do meio pelo qual seus dizeres são comunicados; o autor relata que cada grupo cria seus próprios encadeamentos harmônicos e o desenvolvimento das linhas melódicas das canções. Devido a inúmeras particularidades, constata-se que o ponto comum, a partir do qual o mundo sagrado é acessado, não remete aos textos, instrumentos ou formas como são executadas as canções, mas sim ao meio pelo qual esses discursos são proferidos. Este meio é a música dos foliões, que codifica as mensagens dirigidas aos santos, por isso a importância em se entender o discurso, pois é pela música que ocorrem às ações do ritual. A atitude correta a ser seguida pelos foliões, necessita da boa audição do discurso verbal e da compreensão das mensagens transmitidas.

Para Kimo (2006) existe uma dificuldade por parte em entender as letras em alguns momentos, devido à sobreposição das vozes e dos instrumentos, e por isso

achou que essa característica era utilizada para mascarar o entendimento e as informações do ritual para aqueles que não conhecem, como acontece em outros rituais, porém durante as entrevistas ele notou que tanto os devotos quanto os foliões enfatizam a importância de que o discurso proferido pelos cantores fosse compreendido pelos devotos e seus convidados. De fato, os cantos trazem informações importantes sobre quem são os foliões, o que fazem e o que esperam dos devotos. Além disso, a compreensão das letras é indispensável para o desenvolvimento do ritual, pois várias das casas visitadas recebem o terno de Folia de Reis pela primeira vez, e seus donos ainda não estão familiarizados com a tradição.

Ainda de acordo com Kimo, podemos dividir o terno da Folia da seguinte maneira:

## ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO TERNO DE FOLIA



KIMO, Igor Jorge. **Música, ritual e devoção no Terno de Folia de Reis do Mestre Joaquim Poló.** Mestrado da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

### Saída da Folia de Reis<sup>31</sup>

Em nome de Deus começo,  
Pai, Filho e Espírito Santo.  
Este é o primeiro verso,

<sup>31</sup> Estes são os principais versos cantados durante a peregrinação da Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé de Maringá/PR e foram transcritas por Jhonatan Lúcio Viana (19 anos) neto do Sr. Gabriel Arcanjo Viana e o mais novo Embaixador da Companhia.

Que pra Santos Reis eu canto.

É nascido Deus Menino,  
Nosso Deus da realeza.  
Nasceu de Nossa Senhora,  
O nosso pai da pobreza.

Vamos visitar Deus menino,  
E o divino São José.  
Nós vamos pra Belém,  
E de La pra Nazaré.

25 de dezembro,  
De meia noite por dia.  
Foi que nasceu menino Deus,  
Filho da virgem Maria.

Ó Deus Salve Casa Santa,  
Onde Deus fez a morada.  
Onde mora o Calisse Bento,  
E a hóstia é consagrada.

Mas que hora tão bonita,  
Mas que hora abençoada.  
Os Três Reis do Oriente,  
Abençoa nossa jornada.

### **Visita das Casas (Pedido da Oferta)**

Os Três Reis vem do oriente,  
Cansado de viajar.  
E Chegou nessa casa,  
Pressa família abençoar.

Os Três Reis lhe da saúde,  
Ele vai lhe ajudar.  
Ele será a sua guia,  
Por todas as partes que andar.

Ele vem de porta em porta,  
Abençoando os morador.  
Os Três Reis lhe pede oferta,  
Se vós der com muito amor.

### **Agradecimento**

Vamos nós agradecer,  
A linda oferta que vós deu.  
Deus lhe pague e lhe ajude,  
Quem agradece sou eu.

Agradeço a oferta,  
Que á nós vai ajudar.  
Deus lhe pague a boa oferta,  
Que eu não posso lhe pagar.

### **Saudação ao Presépio**

Pai, Filho, Espírito Santo,  
Nas horas de Deus amém.  
Vamos saudar esse presépio,  
Com a lapinha de Belém.

Os Três Reis quando souberam,  
Viajaram sem parar.  
Cada um levou um presente,  
Pro menino Deus saudar.

Os Três Reis foram entrando,  
Naquele portão sagrado.  
Encontraram Deus menino,  
Em suas palhas deitado.

Ele podia ter nascido,  
Em cama de ouro fino.  
Entre as palhinhas e o chão,  
Lá estava Deus menino.

Os presentes que levaram,  
Tirarão de seus tesouros.  
Ofereceram a Deus menino,  
Mirra, incenso e ouro.

Viva ao pai e viva ao filho,  
Para todos sempre, amém.  
Jesus Cristo quando nasceu,  
Nasceu para o nosso bem!

### **Saudação a Santa Igreja**

Pelo sinal da Santa Cruz,  
Livrai-me Deus Nosso Senhor.  
Livrai dos inimigos,  
Meu divino Redentor.

Pai, Filho, Espírito Santo,  
Nossa Senhora da guia.  
Vamos saudar a Santa Igreja,  
Com prazer e alegria.

Deus vos salve Casa Santa,  
Onde Deus fez a morada.

Aqui mora Deus menino,  
Aqui a hóstia é consagrada.

Aqui é a casa de Jesus,  
Jesus de Nazaré.  
Senhor vem nos salvar,  
Por nossa santa fé.

Arreúnes meus foliões,  
Nos pés da santa cruz.  
Rezando nossa oração,  
Oferecendo ao bom Jesus.

### **Saudação ao Cemitério**

Deus vos salve; Santo Terreno,  
Onde havemor de ficar.  
Vai chegando os Três Reis Magos,  
Aqui viemos visitar.

E fazemos pelo sinal,  
Ajoelhemos primeiro.  
Vamos saudar o cemitério,  
Com vosso santo cruzeiro.

Vai chegando os Três Reis,  
Cumprindo suas devoção.  
Oh, meus amigos foliões,  
Levemos o joelho no chão.

Pra saudar o cemitério,  
Com os joelhos no chão.  
Com silêncio profundo,  
Vou passar pros Bastião.

**Quando duas Folias se encontram (saudação)**

Bate asa, canta o galo,  
Nasceu o rei dos reis.  
Nós saímos do oriente,  
Pra voltar ao dia seis.

Encontramos outra folia,  
Que esta cumprindo sua missão.  
Deus ilumine sua caminhada,  
Que ele te dê a proteção.

Encontrou duas folia,  
Cheirando cravo e rosa.  
Cumprindo nossas missões,  
Com folias tão formosa.

Há de ser muito feliz,  
Os Três Reis vai lhe ajudar.  
Que as estradas estejam abertas,  
Para onde vós andar.

Todos nós anunciamos,  
O nascimento do messias.  
Louvamos Jesus menino,  
São José e Santa Maria.  
Vamos dar a despedida,  
Entre José e Maria.  
Que o divino Santos Reis,  
Seguem sua companhia.

## **Despedida dos Três Reis**

Tenho fé em Deus menino,  
Que vi nascer em Belém.  
Pela visita que fizemos,  
Quero acrescentar seus bens.

Ora viva, ora viva,  
Viva Deus onipotente.  
Ora viva o Santos Reis,  
Que saíram do oriente.

Ora vivas os Três Reis,  
Que levaram suas ofertas.  
Aos Três Reis Jesus prometeu,  
As portas do céu abertas.

Essas portas toda abertas,  
Pros Três Reis poder entrar.  
E pra todos que tiver fé,  
E que a folia acompanhar.

Os Três Reis já vai embora,  
Com a bandeira balançando.  
Com uma mão dizendo á Deus,  
E a outra abençoando.

Os Três Reis ta despedindo,  
Como deu à Cristo em Belém.  
E promete estar de volta,  
Se Deus quiser! Ano que vem.

Ora viva e ora viva,  
Viva Jesus em Belém.

Viva o pai e viva ao filho,  
Para todo sempre, amém!

## FESTA DA CHEGADA

A Festa da Chegada da Folia de Reis, geralmente se faz no primeiro ou no segundo sábado após o dia de Santo Reis no salão paroquial da Igreja. Neste momento com o salão todo enfeitado e o público esperando para recebê-los, os foliões aparecem na em formato de peregrinação, ou seja, entoando seus cânticos referentes ao nascimento de Jesus, de boas vindas e de agradecimentos vindo de alguma casa de devoto de Santos Reis.

No caminho até a cantoria final em cima de um palco, os foliões passam por baixo de três arcos enfeitados simbolizando a figura de cada um dos três Reis Magos e assim cada arco é festejado com músicas e versos que retratem a função dos Reis e sua homenagem ao Menino Jesus.

Tem Três arcos que é Melquior, Gaspar e Baltazar. Cada arco representa um rei. (...) ai nós faz a meia lua antes de chegar no arco, faz a meia lua, ai chega no arco, canta saudando aquele primeiro arco, saudando a Igreja que é a principal, ai o Bastião, o arco é trancado com uma corrente de papel, ai o Bastião fala uma passagem muito bonita, que é meu filho que é o Bastião, corta aquela corrente, o bastião corta a corrente com o facão, a companhia segue de novo até parar, ai canta de novo ali, saúda aquele arco ali aquele Reis, fala muito bonita ai corta a corrente de novo entra até o terceiro arco a mesma coisa, a do terceiro arco vai no presépio que ta dentro do salão, ai canta de novo ali e vai fazer a saudação do presépio é muito bonito (Gabriel Arcanjo Viana, 29/10/2009, 74 anos).

A chegada é feita com três arcos né, cada arco daquele ali tem um, um dos Reis, Gaspar, Baltazar e Melquior, então cada arco daquele, a gente chega tem que cantar né, sobre aquele Reis que ta na frente, suponhamos que ta lá Baltazar, a gente pede licença né, corta o arco e ai passa pro outro né, canta daí até chegar no presépio né, ai chega no presépio a gente vai saudar o menino Jesus né, a gente

saúda o menino Jesus, saúda a Sagrada Família, depois que caba de saudar ali, essa parte, ai sim a gente vai agradecer, como se ta dizendo, agradecer o menino Jesus da despedida né, como os Reis fez em Belém, coisa e tal, então ela, uma parte a gente reza louvando o menino Jesus que foi a hora que os Reis chegou em Belém né, e a parte final já é a parte que os Reis ta chegando no Oriente né, chegou no oriente e foi conta pro pessoal que tinha acontecido na caminhada né, e tudo que aonde eles passaram encontraram o Herodes, e perguntaram o Herodes: Onde fica o menino? O Herodes não sabia, diz que não sabia e disse que quando eles viessem era para avisar a ele que também ia visitar, que eles passaram por outro caminho e coisa e tal, que era pra não encontrar o Herodes né, então tudo isso é cantado na chegada né, e na volta já outra parte de Belém pro Oriente já é outra parte né, ai já vai canta que encontrou Jesus la, lá a cabana era pequena coisa e tal, na volta o que eles encontraram, o que eles fizeram ta, então é assim um pouquinho diferente das casas, algum, algum sentido né (Sr. Ângelo dos Santos, 20/11/2008, 66 anos)

O primeiro arco possui uma chave, o segundo arco possui uma aliança e o terceiro arco possui a estrela guia. Muitos foliões ajoelham-se ao passar pelos arcos, atribuindo diversos significados, tanto para eles quanto para os objetos que nele estão pendurados. Depois de passar todos os arcos que representam os Três Reis Magos, vão saudar o presépio que se encontra dentro do salão. Neste momento um dos Palhaços que já fazia a apresentação dos Reis Magos também faz a saudação ao menino Jesus.

Existe um palco preparado para finalizar a festividade, o ritual é o mesmo feito na casa de cada devoto, ou seja, com cantorias de boas vindas, cantorias de agradecimento, cantorias de graças alcançadas a Santos Reis. Dentro do salão finalizam o ritual de peregrinação de mais um ano com uma oração.

Na cozinha tanto voluntários como também os familiares dos foliões estão com a comida pronta para ser servida e finalizar a festividade com a confraternização com seus integrantes, ou seja, devotos, foliões e toda a comunidade que prestigia a Festa de Santo Reis.



Foto nº 09: Corte da corrente de papel dos arcos de Santos Reis pelos palhaços. Local: Salão Paroquial da Igreja Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR.. Autor: André Renato/Arquivo da Prefeitura Municipal de Maringá, 2009.

Na foto podemos observar o momento que o Palhaço corta a corrente de um dos arcos que representa os Reis Magos. Este ato marca o início da Festa da Chegada.

### **A Folia de Reis enquanto prática cultural instituída**

Para Denys Cuche, a noção de cultura, evidencia o “peso das palavras”, ou seja, as palavras têm uma história e de certa maneira também, as palavras fazem a história. Não vamos nos preocupar em nossa pesquisa em passar por todas as definições que a palavra Cultura passou no decorrer dos anos, mas sim, vamos buscar uma definição que nos proporcione a trabalhar e entender melhor nosso objeto.

As concepções a respeito de cultura da escola de antropologia cultural americana, denominada pelos pesquisadores de culturalista, foram alvo de muitas críticas. Mas segundo Cuche, desenvolveram análises significativas no conceito de cultura, ou seja, “deve-se aos culturalistas o fato de terem evidenciado a relativa coerência de todos os sistemas culturais: cada um é uma expressão particular de uma humanidade única, mas tão autêntica quanto todas as suas outras expressões.” (CUCHE, 2002, p.90)

Assim, a cultura é compreendida a partir de um conjunto dinâmico, mais ou menos homogêneo. Os elementos que compõem uma cultura não são jamais integrados uns aos outros pois provêm de fontes diversas no espaço e no tempo.

Segundo Denys Cuche, no que se refere à cultura popular:

(...) As culturas populares revelam-se, na análise, nem inteiramente dependentes, nem inteiramente autônomas, nem pura imitação, nem pura criação. Por isso, elas apenas confirmam que toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e de elementos importados, de invenções próprias e de empréstimo. Como qualquer cultura, elas não são homogêneas sem ser, por esta razão, incoerentes. As culturas populares são, por definição, culturas de grupos sociais subalternos. Elas são construídas então em uma situação de dominação. (CUCHE, 2002, p.149)

Para Cuche, sem esquecer da dominação e usando a influência do pensamento de Michel de Certeau, a cultura popular pode ser considerada como um conjunto de “maneiras de viver com” esta dominação, uma cultura de pessoas comuns “que se fabrica no cotidiano, nas atividades ao mesmo tempo banais e renovadas a cada dia”. Para o autor, “a criatividade popular não desapareceu, mas não está necessariamente onde a buscamos, nas produções perceptíveis e claramente identificáveis, Ela é multiforme e disseminada: Ela foge por mil caminhos.” (CUCHE, 2002, p.150).

Desse modo, outro conceito que devemos buscar definir é o de memória que Michael Pollak<sup>32</sup>, destaca que no início teve caracterizado como um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, mas a partir dos anos 20 do século XIX, já havia estudos dizendo que a memória deveria ser entendida também como um fenômeno coletivo ou social, ou seja, como um fenômeno construído e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Nesse contexto a memória é constituída de acontecimentos vividos pessoalmente e acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa se sente pertencer, por pessoas e personagens, e finalmente por lugares.

As práticas culturais podem ser analisadas e caracterizadas por uma infinidade de formas, motivos e intercâmbios pluridisciplinares. O acontecimento da festa, especificamente, em nossa contemporaneidade, pontua e povoa a memória e a prática dos indivíduos em todas as sociedades. Na festa podemos observar traços reveladores da dinâmica cultural, assim como dos agentes e produtores de cultura que desfrutam e dela participam.

A festa observada a partir dos códigos produzidos por determinados grupos possibilita a apreensão da diversidade das apropriações culturais. Abordagens como a de Roger Chartier e de Michel de Certeau, que apresentam as noções de “práticas” e de “representações”, colaboram na compreensão dos usos e dos costumes sobre a Folia de Reis, destacando os “modos de fazer” e os “modos de ver” dos sujeitos, que compõe o grupo.

as tentativas feitas para decifrar diferentemente as sociedades, penetrando o Dédalo das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, obscuro ou maior, o relato de uma vida, uma rede de práticas

---

<sup>32</sup> POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992, pp. 200-212

específicas) e considerando que não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo. (CHARTIER, 2002, p.66)

As práticas culturais representam o modo como, em uma determinada sociedade, os indivíduos se comunicam, comem e bebem, sentam-se e andam, tratam seus parentes ou recebem visitantes em suas casas, ou seja, os modos de vida em que as atitudes ou normas de convivência estão presentes.

As representações ou práticas culturais coletivas podem ser entendidas como a materialização da manifestação do sagrado, da determinação do tempo, das maneiras de socialização, dos códigos culturais entre outras caracterizações realizadas pelos grupos.

(...) à noção de “representação coletiva” autoriza a articular (...) primeiro, o trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais “representantes” (...) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 2002, p. 73)

As noções de práticas e representações são deveras importantes, pois a partir delas podemos examinar os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e os receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e a difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos e, por fim, as normas nas quais sociedades se organizam quando produzem cultura, inclusive através da consolidação de seus costumes.

Segundo Chartier, para pensar historicamente as formas e as práticas culturais deve-se pensar em duas definições, a primeira que designa as obras e os gestos que, em uma sociedade, tangem ao julgamento estético ou intelectual. A segunda visa às práticas ordinárias tecidas nas tramas das relações cotidianas e exprimem a maneira como uma comunidade vive e reflete sua relação com o mundo e com o passado (CHARTIER, 2002, p. 93).

Dessa maneira temos a possibilidade de analisar as representações realizadas pela Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé a partir de duas frentes: em primeiro lugar, analisando a maneira pela qual se dá uma certa incorporação sob forma de categorias mentais das classificações da própria organização social, podemos notar por exemplo a divisão política dentro grupo que é designada por dois integrantes, mas na forma do Mestre ou Embaixador. Visões retiradas do próprio extrato social são vivenciadas dentro da Companhia de Santos Reis. O segundo ponto diz que são constituídas as matrizes que constituem o próprio mundo social, na medida em que comandam atos e definem identidades (CHARTIER, 2002, p.72). Podemos notar dentro da festa simbolismos vistos dentro da Igreja Católica e que dão suporte para constituir essas matrizes do mundo social e que demonstram estar atreladas ao modo de entender sua maneira de existir.

Segundo Certeau (1982) as formalidades podem ser compreendidas como relações de sistemas coexistentes com os processos de transição e de mobilidade social que não estão redutíveis entre si.

(...) uma nova formalidade das práticas permite apropriar estas transformações estruturais, ao nível das condutas religiosas e de seu funcionamento, sem ter, necessariamente, que passar pelas ideologias que uma elite intelectual elabora. (CERTEAU, 1982, p.128).

As festas não necessitam esperar alguma evolução de quadros sociais para poder desenvolver suas práticas, por si mesma compreende uma mobilidade própria de sobrevivência. O ato de não colocar bebida alcoólica entre seus foliões na sua peregrinação demonstra uma formalidade de suas práticas que corresponde à sobrevivência de seu grupo.

Buscando a concepção de práticas de Certeau (1994), analisamos as maneiras de fazer das práticas menores, ou seja, não fundadoras em relação aos produtos culturais difundidos e impostos pelas práticas organizadoras das instituições normativas de uma sociedade. As maneiras de fazer a oração e a bênção na casa do devoto por meio da cantoria denotam novas formas de chegar ao objetivo sem precisar do intermédio de outro produto cultural, cantar é para a Festa de Santos Reis uma maneira de fazer sua reza por meios diferentes.

O que diferencia uma prática da outra são os procedimentos que empregam para, de um lado, produzir cultura e, de outro, para consumi-la. As práticas culturais valem-se de procedimentos estratégicos pelos quais circunscrevem um lugar como próprio, a partir do qual se relacionam com a exterioridade.

Como na literatura se podem diferenciar “estilos” ou maneiras de escrever, também se podem distinguir “maneiras de fazer” – de caminhar, ler, produzir falar, etc. Esses estilos de ação intervêm num campo que os regula num primeiro nível (...), mas introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro. (CERTEAU, 1994, p.92)

A Folia de Reis como prática produtora de cultura tem o poder de organizar, de reorganizar e de pôr em situação de confronto os diversos discursos, bem como de servir de suporte para que os chamados discursos fundadores sejam constantemente comentados, ressignificados e/ou deslocados. O que caracteriza, pois, a festa é o fato de ela exercer uma prática estratégica, que faz com que

mantenha maneiras de sobrevivência dentro quadro social e faça da suas transformações formas de evoluções com outras interlocuções a qual esta inserida, uma vez que “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1994, p. 46).

Dada essa condição, a festa e seus integrantes exercem o poder pelo saber que detém, saber este que se realiza por intermédio de uma série de procedimentos do tipo estratégias – dispositivos, instrumentos, técnicas – que lhe confere um lugar próprio de onde intervém na sociedade, propondo a esta uma compreensão que pode ir do simples relato de um acontecimento até uma reflexão sobre os aspectos definidores de sua identidade.

Uma dessas formas de interferir e perpetuar-se na sociedade denomina-se estratégia de memória, que através do discurso e das práticas dos sujeitos participantes acontecem e se formalizam por ocasião da festa de Santo Reis.

Na Festa de Santos Reis percebem-se como estratégia de memória os exercícios que o grupo constrói por meio de seus participantes. Um desses exercícios é a peregrinação de casa em casa, que inicia no dia 25 de dezembro tendo nos rituais prendas, orações, promessas e depois é a Festa da Chegada, momento em que os moradores que foram visitados na peregrinação se encontram em uma festa única, reunindo integrantes da comunidade, do grupo e outros convidados. Outro exercício ou estratégias para a preservação da memória tem haver com os concursos realizados pelos municípios, onde os grupos se apresentam para uma platéia variada que vai assistir ao evento. Essas são algumas estratégias que Certeau (1994) define como (...) um lugar capaz de ser circunscrito como um

próprio, e portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta (CERTEAU, 1994, p. 46).

As maneiras de fazer presentes nas práticas e representações que envolvem a festa e os foliões possibilitam a percepção de como os seus componentes mantêm enquanto vínculo indissolúvel, ou seja, a memória ligada à sua própria formação e, conseqüentemente, suas atribuições e maneiras de adaptar sua performance a partir dos novos lugares que passam a ser atribuídos à Festa.

## **CAPITULO III**

### **A FOLIA DE REIS NO ESPAÇO URBANO: O FESTIVAL**

### CAPITULO III

#### A FOLIA DE REIS NO ESPAÇO URBANO: O FESTIVAL

As peregrinações, festas ou até mesmo festivais, podem ser compreendidos nas suas aparições como a produção do espaço sagrado secundário em santuários de forte convergência de devotos, como também a política de criação de novos lugares de peregrinação em áreas nas quais a procura do sagrado é maior que a oferta missionária da Igreja (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 196). No caso da Festa de Santos Reis o espaço a qual esta inserida é de múltiplas ofertas missionárias e demonstra uma concorrência no sagrado. Mas mesmo em lugares em que a aglomeração de práticas culturais religiosas é intensa existe novas formas aparecendo nos meios sociais e outras se transformando ou mesmo desaparecendo.

Como a Folia de Reis caracteriza-se, principalmente, por ser uma manifestação popular de origem ligada diretamente à sociedade camponesa, suscita a discussão sobre a sua “sobrevivência” no meio urbano e isso é observado por vários autores, que discorrem sobre o tema. Mas não se trata de compreender que em função da urbanização, naturalmente, essas manifestações populares devam desaparecer, pois, segundo Brandão, as transformações ocorridas na cultura não têm o poder de se consumirem por si próprias, nem mesmo por formas simples de deslocamentos territoriais. O que demonstra relevância não é a conversão do campo para a cidade, mas sim, “a passagem de uma ordem de relações e sujeitos sociais, para uma outra e para outros sujeitos, ou os mesmos, em novas posições e com novos interesses.” (BRANDÃO, 1981, p. 107)

Segundo Certeau (1998), os grupos sociais promovem estratégias de sobrevivência. As relações sempre sociais determinam suas relações com cada núcleo. O indivíduo possui mecanismos de defesa prontos para agir naturalmente, por estarem presentes desde nossos primeiros ancestrais. Esses mecanismos de defesas relacionaram com o conceito de estratégias de Certeau (1998). Na Folia de Reis essas estratégias para sobrevivência do grupo e da memória em sociedade estão presentes nos festivais, enquanto maneiras de fazer.

(...) Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado. A estratégia possui um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde possa gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (...) (CERTEAU, p.99, 1998).

Dentro do próprio grupo a normalização de suas práticas é necessária para a sua continuidade e sobrevivência. Uma das normas presentes na Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé, diz respeito a bebidas alcoólicas, pois os integrantes da folia observaram que a extinção de vários grupos de folia acontecia devido ao uso de bebidas alcoólicas e assim eram vistos como criadores de confusão, imagem que poderia levar à extinção de suas práticas religiosas. Portanto, a bebida alcoólica foi banida do seu meio, sendo os participantes proibidos pelo mestre de consumir qualquer tipo de bebida dentro ou fora da casa dos devotos e caso isso acontecesse o integrante seria convidado a se retirar do grupo. “não vieram porque agente também não aceitou, porque o regime deles era diferente do nosso” (Sr. Ângelo dos Santos, 20/11/2008, 66 anos)

Neste trecho da entrevista o Sr. Ângelo dos Santos fala de algumas Companhias de Folia de Reis que existia em Maringá/PR e foram com o tempo

sumindo, e um dos pontos principais do porque isso aconteceu se deve a presença de bebida alcoólica entre estes foliões. Não aceitar o regime da Companhia Unidos com Fé do qual o depoente fala, equivale dizer que na nossa Folia só quem não consumir bebida alcoólica é que pode ficar. Segundo o depoente devotos de Santos Reis não aceitavam grupos que ingeriam bebidas alcoólicas e podiam em algum momento arrumar uma confusão dentro de sua casa e dessa maneira recusavam-se a aceitar estes grupos determinando uma das causas do desaparecimento de varias Companhias de Folia de Reis em Maringá/PR.

A proibição de bebidas alcoólicas dentro do grupo tornou-se uma prática de sobrevivência. Para poder se manter vivo o grupo adaptou-se a sociedade em que esta inserido desenvolvendo novas táticas de adaptação, conforme a necessidade. Segundo Certeau (1998), a tática é a arte daquele que não possui defesas naturais para todos os perigos que pode acometê-lo, portanto necessita utilizar de sua astúcia para sobreviver em circunstâncias múltiplas de ameaças.

A bebida alcoólica nas Foliias de Reis sempre foi comentada, podemos ver pesquisas<sup>33</sup> que relatam essa prática como forma de socialização entre os participantes e não tinham este olhar contemporâneo mais conservador para com os praticantes que bebiam cachaça.

(...) que a peregrinação se pode se tem que, se organizar bem, se tem que também é outra coisa, a peregrinação ocê não pode sair com um Grupo de Reis bebendo pinga, fazendo baderna né. Isso ai acabou com muitos Grupo de Reis por causa disso, por causa da bebida, que os foliões andavam bêbados, falando bandareilha, chegavam nas casas e ia fazer visita né, as vezes chegava bêbado, caindo né, falando palavrões, falando coisas, hoje isso não pode o nosso grupo não aceita isso (Sr. Ângelo dos Santos, 20/11/2008, 66 anos)

---

<sup>33</sup> CASCUDO, C. **Antologia do Folclore Brasileiro**. Vol. 01. São Paulo: Global, 2003.

A folia presente nos festivais revitaliza sua memória, trazendo aos foliões, aos devotos ou, simplesmente, às pessoas que gostam de vislumbrar as culturas de nossa sociedade práticas religiosas coletivas que fazem parte de um espaço rural já não pertencente a nossa realidade, mas que contem uma carga de significados ainda muito presente entre as famílias que vivenciaram este mundo religioso rural.

As música, os trajes, as danças são elementos desse ritual, que trazem vitalidade para manter o grupo, além de comunicar o posicionamento de cada pessoa dentro da folia.

Estar em festa significa retornar às origens, aos caminhos míticos de seus ancestrais, e reavivar os ritos iniciados por eles. Dentro desta perspectiva a permanência desta festa faz com que o homem religioso retorne a suas origens e abra as portas para que seus ancestrais atravessem o espaço/tempo e juntos recriem este momento de sacralização. Essa idéia é necessária e presente a todos os rituais, para que assim não se percam no tempo/espaço.

Neste contexto a memória é a condutora dentro da festividade, através do canto, das encenações dos palhaços, da bandeira com seus desenhos e enfeites, carregados de significado, lembrando do tempo em que o espaço rural era compartilhado pela maioria dos indivíduos que participam dos festivais.

Segundo Pollak (1989), não há linearidade no tempo da memória, vão e voltam na história ligando passado e presente como uma colcha de retalhos que vai se compondo com a ajuda de várias pessoas. Já não importa com quem aconteceu à história ali narrada, em que ano se deu, ou quem a contou: é a história de todos eles e de todos os trabalhadores rurais do Brasil que é reconstruída, que sai do subterrâneo e ganha às ruas, se torna pública.

Na relação entre trabalho e agente religioso, assim como Brandão (1981) identifica em seus estudos, a Folia de Reis promove transformações na estrutura do ritual, necessárias para sua continuidade. Os participantes atuantes em áreas profissionais diferentes não se dedicam à festa todos os dias, esta dedicação acontece em dias e horários específicos, durante a semana entre as 18h e 21h, mas nos finais de semana a dedicação é completa. No espaço urbano o número de casas a serem visitadas é bem maior, pois além daquelas que estão no roteiro, sempre aparece mais alguém que pretende utilizar dessa ritualização sagrada como forma de proteção para sua casa também. Mas isso não atrapalha a vivência desta festividade, já que a adaptação a novos obstáculos é sempre vista como pertinente, se não existe a possibilidade de se dedicar integralmente à festa a solução é agendar os horários para não haver problemas e não deixar que as práticas religiosas desapareçam.

As estruturas clericais vão se transformando com o tempo, não permanecendo fixas, pois a rigidez é perigosa e pode proporcionar o seu desaparecimento. Assim, também, as festas e manifestações culturais religiosas tem seus mecanismos de transformação e permanência.

Nas estruturas da Folia de Reis a importância da família na transmissão de conhecimento é muito relevante para a memória e continuidade do grupo. No grupo Unidos com Fé a herança pelo gosto da participação acontece a gerações e é um dos pontos fortes desta permanência pelos anos já festejados. Ao olhar para a Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé podemos encontrar avós, pais, netos, sobrinhos que fazem parte de uma transmissão de conhecimento através de gerações, de forma firme e concreta. Essa festividade em suas origens apresenta

uma forte influência e participação dos grupos familiares, que organizavam e cuidavam de Festas a Santos Reis por conta própria.

Da família minha aqui, ah tem uns par dele. Tenho neto, tenho 3 netos nessa companhia aqui, tenho filho, quatro, e genro e ainda tem uma turminha ai, irmãos, então deu uma reforçada com esse sangue novo que entrou, reforçou de novo e o grupo ficou bom, ficou bom de novo (Gabriel Arcanjo Viana, 29/10/2009, 74 anos).

Percebemos, com essas estratégias de permanência, a mobilidade dos sujeitos em favor da existência do grupo e de suas práticas, assim também fica nítida a importância dessa organização no cotidiano das pessoas, influenciando inclusive nas atitudes cotidianas dos integrantes fora do grupo.

## **O FESTIVAL**

A preparação para os festivais acontece juntamente com a preparação para peregrinação, as músicas feitas nos festivais são as mesmas cantadas em cada casa. No ambiente do ginásio a forma de competição é feita para todos os participantes, tendo a criatividade como uma das formas para se ganhar alguns campeonatos. No grupo Unidos com Fé uma das formas que descobriram para dar mais charme a sua apresentação e assim ganhar algumas competições foi introduzir ao grupo a representação do nascimento do menino Jesus. Deste modo quando tem que se introduzir alguma forma nova de apresentação nos festivais ensaiam na casa de algum integrante assim como fase meses antes para a peregrinação. Não se observa uma preparação específicas para os festivais. Além de se preocuparem com os regulamentos em que a pontuação em cada item é exigida e procuram seguir alguns passos desses.



Foto nº 10: Festival. Local: Ginásio de Esportes da Cidade de Sarandi/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2006.

Esta foto aparece a composição do grupo no festival, em que observamos o público, o grupo de folia de reis com seus integrantes e as pessoas que aparecem na parte debaixo da foto formam o corpo de jurados.

A Folia de Reis assume um novo espaço neste território urbano ao qual denominamos espaço institucional. A característica deste local corresponde à participação em Festivais de Folia de Reis, com a promoção destes eventos pelas prefeituras. Destacaremos aqui o festival que acontece na cidade de Sarandi-PR, no qual o grupo Unidos com Fé se apresenta anualmente. Questionado sobre o Festival, o Sr. Ângelo afirma:

Olha, o festival já é um pouco, já sai um pouquinho fora como você ta dizendo né da peregrinação, da né, o festival já é mais um tipo de, uma coisa de, é uma coisa que você ta concorrendo né, ta concorrendo com os outros Grupos de Reis. Então os festivais eles, já tem quando você vai num, eles organizam o festival, esse festival ele tem ali um, já vem uma lista né, constando: o que é o festival? O que que precisa um festival? Por exemplo: cantoria, instrumento, legoria, presépio vivo, um monte de coisa né. As vezes vem la

quatro, cinco, é dez, quinze tipo de, que eles exigem (Sr. Ângelo dos Santos, 20/11/2008, 66 anos)



Foto nº 11: Outdoor do Festival. Local: Ginásio de Esportes da Cidade de Sarandi/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2007.

A imagem focaliza o outdoor do Festival Regional de Folia de Reis da cidade de Sarandi/PR, o desenho dos Três Reis Magos ao centro e abaixo deles duas informações interessantes uma que diz o título de capital turística e folclórica da Festa de Santos Reis e a outra demonstrando que organiza o evento neste caso a Prefeitura do Município de Sarandi/PR.

Dentro dos calendários festivos do Paraná podemos encontrar o Festival Regional de Folia de Reis, oficialmente o festival foi reconhecido pelo governo do Estado do Paraná no dia 13 de novembro de 2001, quando a lei nº 13.296 concedeu à cidade de Sarandi/PR o título de Capital Turística e Folclórica da Festa de Folia de Reis caracterizando um ponto de referência para a festa no Estado do Paraná. O local designado para acontecer este evento geralmente é o principal ginásio de

esportes da cidade. A data destinada pela prefeitura, na maioria das vezes, é o último domingo do mês de janeiro de cada ano.

O festival conta com grupos ou companhias de folia, como são denominados, de todos os lugares do estado e algumas vezes com grupos de outros estados (São Paulo e Minas Gerais). Na cidade de Sarandi a média de grupos que se apresentam por festival é entre 20 a 30 companhias de Folia de Reis. O tempo necessário para a apresentação de todos os grupos é decido pelo número de participantes e como a cidade de Sarandi-PR se mostra detentora de um dos maiores eventos do Estado, inicia as apresentações no período matutino e vai até o anoitecer.

Na observação de campo foi possível notar a estrutura dos festivais. A prefeitura disponibiliza aos foliões uma refeição (um almoço perto do ginásio onde acontece o festival), para ajudar os grupos a permanecerem o dia todo no festival, já que a maioria destes grupos pertencem a cidades vizinhas e próximas ao evento.

Os grupos ganham das prefeituras uma ajuda de custo (muitas vezes simbólica) para amparar nas despesas de viagem, pois é necessário no mínimo transporte e alimentação para os grupos participantes. No que diz respeito ao Grupo *Unidos com Fé*, desde 2007 a Secretaria da Cultura de Maringá repassa uma verba destinada à manutenção da estrutura básica de locomoção e alimentação.

A apresentação de cada grupo ocorre, dessa forma, dentro do ginásio de esportes para o público que ali comparece (devotos, integrantes de outros grupos, comunidade local). A organização é toda feita pela Prefeitura Municipal, que além de escolher o corpo de jurados, formado por antigos integrantes de foliões, políticos (Foto nº12), tem também a função de apoiar e ajudar os grupos que vão se apresentar. O festival tem também a participação de alguns voluntários e estes preparam o almoço para as companhias, que vieram de outras cidades.



Foto nº 12: Jurados do Festival. Local: Ginásio de Esportes da Cidade de Sarandi/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2007.

Dentro do ginásio a arquibancada fica disponibilizada para o público e para assistir o evento a entrada é gratuita. Podemos observar algumas instituições de artesanato da cidade que expõe e vendem seus produtos no dia do evento, além disso, é construído um presépio gigante que se localiza nos fundos e é uma das atrações, juntamente com o festival.

Na quadra do ginásio existe uma ala de cadeiras reservadas para as autoridades e na outra extremidade, do lado oposto, a mesa com os jurados que irão decidir o vencedor do festival. Em um dos pontos ficam os microfones, preparados para quando as companhias de Santo Reis entrarem. A apresentação segue o ritmo das peregrinações, eles entram cantando até chegarem ao local em que os microfones.

(...) então a apresentação é o seguinte, faz o sorteio pelos grupos né. Faz o sorteio, por exemplo, seu cair em terceiro lugar ou em oitavo lugar, então enquanto canta a pessoa (folia) da frente eles já preparam o meu grupo, aí é o seguinte eles ficam lá no ginásio de esportes, aí já fica prevenido aí quando chama a gente entra, aí nós entra em procissão né, em fila, em fila, vai a bandeira na frente, vai os Reis, os reisinhos também, os palhaços e a companhia dos foliões vem atrás, aí vem encosta e a gente canta, faz a apresentação, muitos saúda outros não saúda chega e canta, a gente gosta de saudar o lugar de saudar as pessoas presente né, aí depois canta, começa a cantar (Gabriel Arcanjo Viana, 29/10/2009, 74 anos).

As regras do festival definem que cada grupo tem 15 minutos para se apresentar, serão avaliados por uma comissão julgadora, que também possui regras definidas e predeterminadas, para executar a função. Todos os participantes recebem certificados e troféus, além disso, tem uma premiação em dinheiro, do primeiro ao último colocado, os valores variam entre R\$ 30,00 a R\$ 150,00. Para a Capital Folclórica de Folia de Reis a quantia distribuída entre os foliões não demonstra ser de grande ajuda, isto porque, a maioria das Companhias de Santos Reis pertencem a outras localidades fazendo com que só a locomoção já possa ser de grande despesa para esses foliões.

Cada cidade tem uma maneira né, hoje todo mundo tá se prevenindo bem, tá se ajeitando muito bem, porque nós começamos a participar aí, então nosso grupo tudo ali formado né, calça tudo igual, camisa tudo igual, calçado tudo igual, a bandeireira, os palhaços, tudo bem arrumadinho sabe, aí nós começou a subir e a pegar primeiro lugar, primeiro lugar, aí os outros grupo também começou a investir, aí começaram a arrumar também, vestimenta, a preparar as cantoria, ajeitar, que os jurados eles prestam atenção em tudo, sabe, apresentação né (Gabriel Arcanjo Viana, 29/10/2009, 74 anos).

Cada grupo se apresenta com um número variado de foliões, mas na composição não pode faltar a bandeira e os músicos. Segundo o Sr. Gabriel Arcanjo

Viana tudo é notado pelos jurados. A maneira que começaram a se vestir de forma igual e bem arrumados rendeu prêmios, a representação do presépio foi outra idéia de sucesso do grupo que mostrou ser vitoriosa. O simples fato de ter na composição do grupo um violino é valorizado.

As músicas demonstram uma seqüência parecida com a que os foliões usam em cada casa. Iniciam a apresentação com falas que remetem ao porque de estarem ali (a história de Santo Reis), retratam depois trechos do nascimento do menino Jesus e da peregrinação dos Reis Magos e terminam com uma despedida do lugar. As canções nos remetem as histórias contadas na bíblia e cada Companhia de Santos Reis que entra no ginásio e inicia sua canção apresenta novos versos para contar estas histórias. Formas típicas que produzem uma nova maneira de comunicar as relações de suas identidades.



Foto nº 13: Sr. Ângelo em destaque. Local: Igreja Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

Alguns grupos trazem consigo a representação de um presépio humano com o objetivo de fazer uma encenação antes da cantoria e que tem figuras como José e Maria representados pelos foliões. Fazem simbolicamente a encenação dos versos cantados pelo grupo. Em algumas declarações de participantes notamos que uma representação como esta pode contar com pontos valiosos para a companhia.



Foto nº 14: Ao fundo, o Presépio vivo. Local: Ginásio de Esportes da Cidade de Sarandi/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2007.

A apresentação dos palhaços é bem descontraída, pois ao fazerem suas danças e até mesmo brincadeiras com as espadas de madeira, o público que esta presente joga moedas para os palhaços pegarem e brincarem. Essas moedas representam as prendas dadas ao longo da peregrinação.

No centro da fotografia podemos observar os Palhaços brincando e catando as moedas jogadas pelo público que são caracterizadas como as prendas que a Companhia de Santos Reis recebe em cada casa visitada da peregrinação. Na parte superior da foto à direita podemos ver a encenação do Presépio Vivo, de verde estão os Reis Magos e em azul ajoelhados, a representação de Maria e José.



Foto nº 15: Palhaço recolhendo as moedas. Local: Ginásio de Esportes da Cidade de Sarandi/PR.  
Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2007.

O comparecimento de autoridades como prefeitos, vereadores e representantes de bairros é percebida na composição do corpo de jurados. No final do festival após todos terem se apresentado é feita a premiação dos grupos vencedores, com pequenas lembranças parecidas com troféus a todos os grupos que participaram do evento, terminando com todos festejando por mais um festival de Folia de Reis.

Este novo espaço que difere do tradicional, ou seja, do espaço de origem mostra características diferente entre eles. As formas variadas como esses grupos se apresentam no mesmo local demonstra uma das estratégias de manutenção de suas manifestações religiosas.

Segundo Brandão (1981), quando um grupo de foliões migra para a periferia das cidades e quando ele consegue repetir ali o que fazia na roça de onde veio, alguma coisa se perdeu. Perdeu-se o *espaço social camponês* que agora não pode ser mais retraduzido do mesmo modo, de maneira que todos juntos, moradores e foliões, sejam como uma comunidade, uma gente do lugar e, ao mesmo tempo, de Belém. Perdeu-se a disponibilidade de um tempo de jornada, porque agora os atores são empregados e só dispõem de pedaços dos seus dias para dedicá-los ao ritual e a Santos Reis. Perdeu-se, finalmente, a integridade de um sistema agrário, de trocas de dádivas que exige formas de posse e de uso de bens cada vez mais inaceitáveis na cidade (BRANDÃO, 1981).

Mas este novo espaço não demonstra apenas transformações, pois se apresenta como um novo veículo de preservação de seus rituais e identidades religiosas, as quais estes grupos pertencem, mostrando para outras gerações seu legado cultural, persistindo durante o tempo e se transfigurando junto com este tempo. Para os membros do Grupo, o Festival mantém a importância das Falias como também a normalização de regras necessárias aos dois espaços, como é o caso da proibição do consumo de bebidas alcoólicas.

Muitas famílias que já não recebia a Folia de Reis, e as vezes não recebe até hoje, porque aconteceram de Grupo de Reis chegar com pessoas bêbado dentro das casas, e as vezes ali caia. Chegou de acontecer de sair briga dentro das casas, com companheiros e companheiros. Chegou de acontecer de pessoas falarem palavrão pra dona da casa, e chegou de acontecer de brigas nas ruas e companheiros de grupos, por bebida né, esse tipo de coisa, então isso, isso aí derrubou muitas Folia de Reis, que muita gente não queria e não quer receber a Folia de Reis, é nas casa por isso fala: “Eu vou receber esta turma de bêbados, Deus me livre!”, então né isso acabou com muitas Folia de Reis. Então o festival já é diferente, não é diferente, também você não pode fazer isso tipo de coisa, bêbado inclusive no dia que a gente vai cantar nos festival, nós não dechamo ninguém beber, nem na peregrinação, nem no festival (Sr. Ângelo dos Santos, 20/11/2008, 66 anos).

Ao assistir a estes festivais nos deparamos com uma cultura que está presente na maioria de nossas famílias e relembramos contos e histórias de nossos avós e tios a respeito das folias, podendo dessa maneira vislumbrar um novo espaço de reativação de nossa memória.

O devoto utiliza seu lugar sagrado deixando descrições das maneiras como utiliza seu espaço. Esses lugares simbólicos são criados mentalmente e materialmente para satisfazer as necessidades de seus produtores.

O conceito de lugar no sentido de pertencer numa tentativa de esclarecer melhor as maneiras como são construídas as identidades dos lugares e as identidades de pessoas, como indivíduos e como membros de grupos, levando em conta que a uma relação recíproca entre essas identidades. Neste contexto, existe uma posição teórica que defende a construção da identidade coletiva como determinante de grande parte do conteúdo simbólico dessa construção. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 77)

Podemos analisar, por meio dos festivais os rituais que representam um conjunto de práticas consagradas por normas e usos já estabelecidos. O lugar simbólico formaliza e unifica grupos com uma identidade em comum. Nos festivais percebe-se esta ritualização, consagrando seu espaço e a forma de peregrinação executada por todos os grupos que exige simultaneidade e convergência de um grande número de fiéis.

O sagrado e o profano estão de maneira claras relacionadas às funções espaciais de uma festa ou mesmo de uma peregrinação. Na especificidade dos festivais de Folia de Reis, os locais sagrados não são fixos, como por exemplo um templo religioso, a formação deste espaço sagrado esta presente por um determinado período (no caso dos festivais de apenas um dia), que caracteriza a sua essência de ser móvel. Não há a necessidade de se fazer no mesmo ginásio, como

nas práticas da peregrinação dentro das casas o sagrado faz uma visita e santifica aquele determinado espaço.

A vivência no lugar sagrado se distingue por sua rica diversidade e coerência significativa. A experiência religiosa é fundamental para os adeptos de diferentes tradições religiosas. (...) em forma de música, cantos, envolvendo outras formas de declamar a prece religiosa, são considerados eficazes porque o mundo vivido e o imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, P. 87)

A forma como é vivenciado dentro dos festivais a ritualização da Folia de Reis, faz com que seus participantes integrantes ou espectadores entre no mundo sacralizado das peregrinações e tudo que elas representam. A capacidade do homem de vivenciar o sagrado demonstra as maneiras pelas quais este espaço se torna um dos pontos em que a ritualização pode ser exercida e praticada.

As mudanças ao longo do tempo constatadas nos rituais das folias são destacadas nos relatos feitos pelos autores. Uma das evidências dessas transformações aconteceu devido a urbanização e a modernidade, que interferiram nessas manifestações do catolicismo popular, mas não podemos dizer que é só em manifestações da Folias de Reis, que o fator modernidade, tende a influenciar, pois grandes obras literárias demonstram o destaque da modernidade nas transformações do homem, “este movimento não significou homogeneização mas mudanças, ou mesmo o surgimento de novas relações internas às sociedades e entre sociedades distintas.” (VELHO, 1995, p.229).

No festival as apresentações começam às 8 horas e se estendem até as 18 horas, este tempo é preenchido pelas apresentações de todas as companhias inscritas para o festival. Cada apresentação é uma representação do ritual realizado

nas casas dos devotos, no período da Festa de Santos Reis. Assim, a companhia posiciona-se no local que vai começar a apresentação e iniciam a cantoria (as canções são saudações que a folia apresenta no espaço tradicional e que conseqüentemente compõe também esse espaço do festival), os palhaços dançam e recolhem as moedas jogadas pelo público. Feita todas as saudações o grupo termina a apresentação e uma nova Companhia de Folia de Reis já se prepara para se apresentar.

Para executar as músicas os foliões utilizam alguns instrumentos, a saber, violas, violões, bandolins, cavaquinho, pandeiros, caixas, sanfonas e violinos. Quanto mais completa for a composição do grupo, em relação aos instrumentos, maior pode ser sua pontuação. Geralmente, os componentes têm uma vestimenta própria com camisas que trazem o nome da companhia de Santos Reis, a qual estão atrelados. Cada detalhe (vestimenta, tempo de apresentação, instrumentos, afinação, músicas, encenações) é analisado pelos jurados. Estes são responsáveis por avaliarem, determinarem uma nota ao grupo e decidirem à companhia campeã do Festival de Folia de Reis de cada ano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando Castoriadis podemos pensar a instituição das práticas a partir dos espaços em que a Folia de Reis atua ou transita: o espaço tradicional e o espaço institucional. Observado nos dois meios, tanto como coerção como em sanções, que possibilitam pensar essas práticas como instituídas e com finalidades de manter as tradições. No primeiro ambiente o próprio grupo Unidos com Fé, em seu espaço tradicional, vivencia entre seus integrantes a formalização e a normalização de suas práticas, através de adesão, do apoio, do consenso, da legitimidade e da crença. Já o segundo ambiente, vivenciado pela presença de um espaço institucional e com a ajuda de um órgão público, neste caso a prefeitura municipal de Sarandi-PR, mantém as tradições da festa de Santos Reis e de seus foliões.

Consideramos que nos dois espaços, tanto no tradicional como no institucional, em que a Folia de Reis demonstra-se representada e preservando suas tradições podemos pensar na institucionalização de suas práticas. Caracterizando uma busca pela fé de seus participantes em que dividem um momento que para o “homem religioso” se define como coletivo.

Esse momento coletivo é identificado por rituais que permitem aos integrantes da Folia de Reis caracterizar e formular uma identidade comum entre foliões e devotos. Estes significados não estão fixos no tempo, eles demonstram sua mobilidade nos espaços em que a festa ocupa e esta mobilidade é que faz a sua manifestação perdurar em vários lugares diferentes. A própria bebida alcoólica, proibida na Companhia Unidos com Fé, caracteriza esta mobilidade, pois ao perceberem o afastamento dos devotos devido à presença de indivíduos que intensificavam sua festividade por meio da bebida e extrapolavam no

comportamento dentro das casas, fez gerar uma nova atitude dentro do grupo, não permitindo mais o uso de bebidas alcoólicas pelos foliões. Assim, os integrantes formularam novas sanções e atitudes que mudaram a maneira como era visto o grupo de Folia de Reis. Essas mudanças corroboraram para aproximarem a Igreja ao grupo. Portanto, na atualidade, podemos observar a presença do padre na benção do grupo, tanto na sua “saída” como na “chegada” da festa, e, além disso, a própria festa acontece em espaços da Igreja como, por exemplo, o salão paroquial.

Estas práticas, instituídas pelo grupo, demonstram a maneira pelas quais os integrantes são incluídos e as regras que devem ser seguidas para permanecer. Nesse sentido, percebemos como novas formas de práticas são construídas dentro do grupo entendendo o lugar social o qual estão inseridos.

Nosso aporte metodológico apresentou uma análise das representações do passado e do presente acerca de seus rituais. A pesquisa com fontes transcritas de relatos orais e imagens feitas com a Folia de Reis delineou características do passado e do presente, ou seja, como eram representadas e como foram apropriadas para atualidade. Uma dessas características de adaptação do ritual foi a inserção de novos espaços como o ginásio no Festival de Folia de Reis.

Na análise dos espaços ocupados pela Folia de Reis utilizamos as considerações de Corrêa e Rosendahl, que explicam que o espaço simbólico é operado, fundado e reivindicado pela instituição religiosa. Por isso, entendemos que não precisa se colocar com forma fixa, tanto em uma peregrinação como em um ginásio de esportes este domínio pode acontecer. Na Companhia Unidos com Fé analisamos dois espaços utilizados por eles, o primeiro caracterizado por ser um espaço tradicional que buscou sua origem no meio rural, composto por um ritual de visitas de casa em casa, sua formulação no meio urbano também é realizada da

mesma maneira. O segundo espaço é o do Festival de Folia de Reis, que acontece no ginásio de esportes, que é tomado por essa manifestação religiosa. Assim, percebemos que a folia se transforma e demonstra sua sobrevivência por novas relações e sujeitos sociais.

Apoiados nos estudos de Certeau (1998), em relação ao conceito de estratégias, demonstramos que grupos sociais usam de mecanismos de defesa prontos para agir naturalmente e garantir assim a sobrevivência de seu grupo. Os Festivais de Folia de Reis evidenciam táticas de preservação de sua memória, como por exemplo, a adaptação ao espaço do ginásio, conseguindo com isso que a folia continue viva e a cada ano seja mais aceita como uma manifestação cultural e religiosa.

O uso da memória nas representações da folia tem uma relação de memória-mito, analisada por Portelli (2001), pois apresenta uma narrativa semelhante a uma matriz de significados comum. Sendo assim, a Folia de Reis baseia-se na narrativa do nascimento de Jesus, que contém uma composição cristã e permeia por toda a memória dos indivíduos da festa. Este mito faz uma relação comum com as outras memórias presentes dentro da festividade. É este passado vivido em comum e unido a crença que servirá de apoio a memória.

Essas formulações de táticas, práticas e estratégias demonstram formas de sobrevivência dessa instituição. As festas evidenciam pontos de preservação necessários para estes rituais se manterem vivos e isso significa atuar conforme o espaço e o tempo em que estão inseridos. Os novos espaços produzidos pela Folia de Reis proporcionam novas formas de rituais e significações, que foram transformados para sua celebração se manter viva.

Nestes espaços estudados entendemos que os rituais atuam em lugares estratégicos como o espaço tradicional, que compõe a peregrinação de casa em casa até a festa da “Chegada” promovida pelo grupo e o novo espaço que é o Festival de Folia de Reis constituído do ginásio de esportes da cidade, mostrando, assim, o meio urbano em perfeita harmonia com o ritual.

O simbólico permeia as relações estabelecidas entre os devotos e os foliões, por meio da jornada de peregrinação, da festa da chegada, dos festivais de Folia de Reis etc. Esse ritual realizado ao longo do tempo, que sofre alterações conforme cada região e núcleo social especificam e demonstram um dinamismo próprio, porém, sem perder a sua essência, ou seja, a fé de um povo.

## REFERÊNCIAS

## REFERÊNCIAS

### I - DOCUMENTAIS

#### FONTES MANUSCRITAS

Documento com o relato histórico do grupo Unidos com Fé entregue por Ângelo dos Santos - 15/03/2007 (Anexo II).

#### FONTES ORAIS

Angelo dos Santos, 66 anos. Entrevistado em 20 de novembro de 2008 em Maringá - Paraná.

Gabriel Arcanjo Viana, 74 anos. Entrevistado em 29 de outubro de 2009 em Maringá - Paraná.

Jhonatan Lúcio Viana, 19 anos. Transcrição das músicas em 15 de janeiro de 2010 em Maringá – Paraná.

#### FONTES VISUAIS

Foto nº 01. A Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé no espaço rural. Local: Sítio na região metropolitana de Maringá/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

Foto nº 02 - Bênção do Padre para Companhia de Folia de Reis, à noite. Local: Igreja Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

Foto nº 03: Proteção da Bandeira. Local: Igreja Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

Foto nº 04. Ritual da Folia de Reis na casa do devoto. Local: Casa de devoto localizada no Bairro Morangueira Maringá/PR.. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

Foto nº 05. Palhaços da Folia de Reis. Local: Salão Paroquial Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR .Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2009.

Foto nº 06: A Bandeireira. Local: Igreja Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

Foto nº 07: Bandeira. Saída da casa de pouso da Bandeira de Santos Reis. Local: Casa de devoto Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

Foto nº 08: Composição da Companhia de Folia de Reis Unidos com Fé. Local: Rua próxima da Igreja Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR. Autor: André Renato/Arquivo da Prefeitura Municipal de Maringá, 2009.

Foto nº 09: Corte da corrente de papel dos arcos de Santos Reis pelos palhaços. Local: Salão Paroquial da Igreja Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR.. Autor: André Renato/Arquivo da Prefeitura Municipal de Maringá, 2009.

Foto nº 10: Festival. Local: Ginásio de Esportes da Cidade de Sarandi/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2006.

Foto nº 11: Outdoor do Festival. Local: Ginásio de Esportes da Cidade de Sarandi/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2007.

Foto nº 12: Jurados do Festival. Local: Ginásio de Esportes da Cidade de Sarandi/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2007.

Foto nº 13: Sr. Ângelo em destaque. Local: Igreja Sagrado Coração de Jesus – Maringá/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2008.

Foto nº 14: Ao fundo, o Presépio vivo. Local: Ginásio de Esportes da Cidade de Sarandi/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2007.

Foto nº 15: Palhaço recolhendo as moedas. Local: Ginásio de Esportes da Cidade de Sarandi/PR. Autor: Jorge Luiz Dias Pinto, 2007.

## II - BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBUQUERQUE, M. B. M; KLEIN, L. E. Pensando a fotografia como fonte histórica. **Cadernos de Saúde Pública**, R.J., 3 (3): 297-305, jul/set, 1987.

ANDRADE, Solange R. **A Igreja cristã e o Dia de Todos os Santos**, 2009 (no prelo).

AZZI, Riolando. Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil. **Religião e Sociedade**.1 (1), s/d p. 125-49)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1985..

\_\_\_\_\_. **Sacerdotes de Viola: os rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais.** Petrópolis: Vozes, 1981

CARVALHO, José Jorge de. Transformações da sensibilidade musical contemporânea. **Horizontes Antropológicos**, v. 5, n.11, p. 53-91, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara **Antologia do Folclore Brasileiro.** Vol. 01. São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade.** Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, Cornelius. O Campo do social histórico. **Estudios.** filosofia-historia-letas: Primavera,1986.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHAGAS, Mário. Cultura, patrimônio e memória. In:**Revista Ciências e Letras**, Porto Alegre: FAPA, nº 31, 2002, p. 15-29.

CHARTIER, Roger. **Á Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietude.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução à geografia cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: Edusc, 2002.

DAVID, Solange Ramos de Andrade. **O Catolicismo Popular Na Revista Eclesiástica Brasileira (1963-1980).** Tese de Doutorado.Unesp/Assis: 2000.

DE VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea: vidas de santos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DEL PRIORE, M. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEL ROIO, José Luiz. **Igreja medieval: a cristandade latina**. São Paulo: Ática, 1997.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANÇOIS, E. A Fecundidade da História Oral. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. pp. 03-13.

FREITAS, Bianca Gonçalves de. Institucionalização dos processos folkcomunicacionais nas Festas de Reis. Trabalho apresentado ao NP 17 – Folkcomunicação, do **IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, 2004.

GEERTZ, C. **La interpretación de las culturas**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.

GODOLPHIM, N. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**. UFRGS/ano 01, n. 2 (pp. 161-185). Porto Alegre:PPGAS, 1995.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

KIMO, Igor Jorge. **Música, ritual e devoção no Terno de Folia de Reis do Mestre Joaquim Poló**. Mestrado da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

- MARTÍN, D. E. B. Um modelo de ficha para estudar as festas. IN: **Gazeta de Antropologia**, Nº 7, 1990, Texto 07-09. Disponível em [http://www.ugr.es/~pwlac/G07\\_09DemetrioE\\_Brisset\\_Martin.html](http://www.ugr.es/~pwlac/G07_09DemetrioE_Brisset_Martin.html) Acesso em 28/10/2009. Tradução livre de Solange Ramos de Andrade para utilização no LERR – Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades. Observação: as últimas páginas, não foram traduzidas por se tratarem de exemplos locais da Espanha.
- MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. **Tempo**, R.J. vol.1, nº .2, p. 73-98, 1996.
- PEDROSO, Carlos. **Folia de Reis: folclore encantado**. Uberaba: C. Pedroso, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos** vol. 2, Vértice: Rio de Janeiro, 1989.
- PORTO, Guilherme. **As folias de Reis no Sul de Minas**. Rio de Janeiro: MEC-SEC: Funarte; Instituto Nacional do Folclore, 1982.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. , 1991.
- VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995. p. 227-234.
- ZALUAR, Alba. **Os Homens de deus: Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

## **ANEXOS**

**Anexo I** - Questionário utilizado em entrevista com os integrantes do grupo Unidos com Fé: Sr. Ângelo dos Santos e o Sr. Gabriel Arcanjo Viana nos anos de 2008 e 2009.

1 – Qual foi seu primeiro contato com a Folia de Reis?

2 - Há quanto tempo o senhor é folião?

3 – Qual foi sua primeira função dentro do grupo?

4 – Observa alguma diferença da Folia de Reis em que começou em comparação com a Folia de Reis hoje?

5 – Quando foi que aconteceu a formação do grupo Unidos com Fé?

6 – Como é feita a peregrinação da Folia de Reis e o que representa para o grupo?

7 – Existiam outros grupos em Maringá/PR quando começaram a participar da festa na cidade?

8 – Existe uma hierarquia dentro dos grupos de Folia de Reis?

9 – Como acontece o ritual na casa do folião?

10 – Como é organizada a festa da “Chegada”?

11 – A companhia Unidos com Fé recebe algum apoio?

12 – Quais são os elementos (bandeira, palhaços, músicos) que compõe a Folia de Reis? Explique cada um deles.

13 – Quais as promessas feitas para Santos Reis?

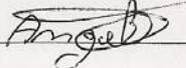
14 – Vocês fizeram adaptações do ritual da Folia de Reis?

15 – Como é o Festival de Folia de Reis? Quais características da peregrinação se mantêm nos festivais e quais acontecem nos festivais e não acontecem na peregrinação?

16 – Como observa a permanência desta festa em nosso cotidiano?

17 - Porque as Falias de Reis começaram a desaparecer?

**Anexo II** - Documento com o relato histórico do grupo Unidos com Fé entregue por Angelo dos Santos - 15/03/2007.

Clínica _____	
<b>PEDIDO DE CONSULTA</b>	
À Clínica de _____	
Nome _____	Nº Registro _____
Motivo da Consulta _____	
_____	
_____	
_____	
Data _____	Ass. do Médico Consultante _____
<b>RELATÓRIO DA CONSULTA</b>	
ESTÓRICO DO GRUPO DE FOLIA	
<del>DE REIS</del> DE REIS. UNIDOS COM FÉ	
NO DIA 10 DEZ DE MARÇO DE 1990	
NA RESIDÊNCIA DO VITOR PEDRO	
CABRAL - RUA EVARISTO DA VEIGA	
Nº 167 J. ALVORADA MARINGÁ - PR	
AS 14 HORAS FOI FUNDADO O GRUPO	
DE FOLIA DE REIS	
REGISTRARAM SE NO DIA OU NA ÉPOCA	
34 TRINTA E QUATRO ENTEGRANTES	
CENDO TODOS COM DIREITO A VOTO	
FOI DECIDIDO A SEGUINTE DIRETORIA	
P4	
PRESIDENTE GERALDO GONCALVES	
VICE PRESIDENTE ANGELO DOS SANTOS	
Data 10/03/90	Assinatura 

Clínica _____	
<b>PEDIDO DE CONSULTA</b>	
À Clínica de _____	
Nome _____	Nº Registro _____
Motivo da Consulta _____	
_____	
_____	
_____	
Data _____	Ass. do Médico Consultante _____
<b>RELATÓRIO DA CONSULTA</b>	
TESOUREIRO. ANGELO DOS SANTOS	
VICE TESOUREIRO. PRIMEIRO SECRETÁRIO	
VITOR PEDRO CABRAL	
VICE SECRETÁRIO JOSE CANUTO	
VIEIRA	
CONSELHEIRO MIGUEL BATICOTO	
GABRIEL A. VIANA. SEBASTIÃO VIANA	
CANTORDE. SAULO. VALDEMAR. RUBENS	
ALTAMIRO. ARLINDO. ANÍSIO. JOSE OLIVEIRA	
CANUTO. MELCHIOR. APARECIDO.	
VALCIR. DIDIO. ZÉ MARIA. JOSÉ AUGUSTO	
GERALDO. BATICOTO. BENEDITO CUNHA. ÉLIO	
ADÃO. REGINALDO. ROBERTO. EDSON. HELENO	
JOÃO. TIAO MINEIRO. JORANDIR. ZE MENDES	
Data _____	Assinatura _____



Clínica \_\_\_\_\_

## PEDIDO DE CONSULTA

À Clínica de \_\_\_\_\_

Nome \_\_\_\_\_

Nº Registro \_\_\_\_\_

Motivo da Consulta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

Ass. do Médico Consultante \_\_\_\_\_

## RELATÓRIO DA CONSULTA

ASSIM FICOU DEFINIDO O GRUPO  
 UMA SEMANA. APOS O GRUPO  
 RECEBEU O NOME OU O TITULO  
 DE UNIDOS COM FÉ  
 NOME QUE FOI DADO CRIADO POR  
 VITOR PEDRO CABRAL.

APROVADO PELO GRUPO POR NAMINIDADE  
 APOS UM MES DE FUNDAÇÃO O GRUPO  
 FES A SUA PRIMEIRA APRESENTAÇÃO  
 NO MES DE ABRIL DAQUELE ANO NA  
 CIDADE DE LONDRINA. NUMA COMEMO  
 RAÇÃO DO MUSEU DA QUELA CIDADE  
 OS COMPONENTES DO GRUPO VIERO  
 DE OUTROS GRUPOS DEFERETES

Data / / \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_

Clínica \_\_\_\_\_

**PEDIDO DE CONSULTA**

À Clínica de \_\_\_\_\_

Nome \_\_\_\_\_ Nº Registro \_\_\_\_\_

Motivo da Consulta \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_ Ass. do Médico Consultante \_\_\_\_\_

**RELATÓRIO DA CONSULTA**

ALGUNS PARTICIPAVA DE GRUPOS DE  
 MARINGÁ E OUTROS DE OUTRAS  
 CIDADES E OUTROS ESTADOS  
 ATRAVÉS DE UM ENCONTRO CULTURAL  
 EM NOSSA CIDADE TIVEMOS A OPORTUNIDADE  
 DE SERMOS E TROCARMOS IDEIAS  
 E DECEDIMOS FORMAR MÓS UM GRUPO.  
 FORMAMOS A PARTIR DESTA DATA JA  
 REGISTRADA. O GRUPO COMEÇOU A  
 PARTICIPAR DE EVENTOS, RADIOS E  
 TELEVISÕES E DAI POR ~~QUE~~ DIANTE  
 DANDO CONTINUIDADE

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Clínica _____	
<b>PEDIDO DE CONSULTA</b>	
À Clínica de _____	
Nome _____	Nº Registro _____
Motivo da Consulta _____	
Data _____	Ass. do Médico Consultante _____
<b>RELATÓRIO DA CONSULTA</b>	
CONTINUAÇÃO DO GRUPO NA	
DECADA DE NOVENTA. ATÉ DOIS MILE	
SETE. 2007. FORÃO QUARENTA E	
DUAS. APRESENTAÇÃO EM VARIAS	
CIDADES DO PARANÁ.	
DAS 42 APRESENÇAS 39 DELAS FORÃO	
FESTIVAS DE FOLIA DE REIS	
RESULTADO DO ANO 90. NOVENTA A	
2007 DOIS MILE SEETE. FORÃO. 29.1º	
PRIMEIRO LUGAR. 7 SEETE. 2º SEGUNDO	
LUGAR. 3 VEZES DESCRACIFICADO.	
O GRUPO DE 39 ENTEGRANTE. ESTÁ	
REDUZIDO HOJE EM 23 ENTEGRANTE	
ISTO POR MOTIVO DE MORTE E MUDANÇA	
DE ALGUNS COMPANHEIROS	
Data _____	Assinatura _____

**Anexo III - Documento entregue pela assessoria de comunicação da Prefeitura de Sarandi no 26º Festival de Folia de Reis – 28/01/2007.**

## **26º Festival de Folia de Reis**

### Assessoria de Comunicação

A Prefeitura do Município de Sarandi realiza, neste domingo, o 26º Festival de Folia de Reis. A organização espera cerca de 20 companhias, com um total de 500 foliões, de várias cidades. O público estimado é de quatro mil pessoas. Nos anos anteriores, passaram pelo Festival em média 330 companhias com aproximadamente 7.650 foliões e um público estimado em 77 mil pessoas.

Apesar de comemorar a Folia de Reis há 25 anos, oficialmente o Festival foi reconhecido pelo governo do Estado no dia 13 de novembro de 2001. A lei nº 13.296 concedeu a Sarandi o título de Capital Turística e Folclórica da Festa de Folia de Reis. Segundo a organização do evento, “o Festival é o maior evento cívico, cultural, religioso e folclórico do município e o maior do gênero em todo o estado do Paraná”.

Cada companhia terá 15 minutos para se apresentar. Elas serão avaliadas por uma comissão julgadora. Todos os participantes receberão certificados e troféus. Além disso, os grupos receberão premiação em dinheiro. O primeiro lugar receberá R\$150, o segundo R\$120 e o terceiro R\$100. Do quarto ao décimo lugar o prêmio será de R\$70, do décimo primeiro ao vigésimo de R\$50 e do vigésimo primeiro ao trigésimo de R\$30. O objetivo é que todos os grupos recebam premiações. “O dinheiro é mais que um prêmio é uma ajuda de custo para as companhias, pois elas têm gastos para vir se apresentar em Sarandi”, disse o organizador do evento Luiz Sidnei de Moraes.

Além dessa ajuda de custo a Prefeitura procurou as duas companhias existentes em Sarandi para oferecer apoio. Segundo Moraes a previsão é de que para o próximo ano sejam criadas mais duas companhias na cidade, totalizando quatro. Além disso, a estimativa é que a premiação em dinheiro quadruple o valor e a festa dure três dias em vez de um. A intenção da Prefeitura é de procurar apoio junto à Secretaria de Cultura do Estado por se tratar de um evento estadual.

O 26º Festival de Folia de Reis será no Ginásio de Esportes Tancredo de Almeida Neves e terá início às 9h. Além do festival, os moradores que

prestigiarem o evento poderão visitar as barracas de artesanato e produções locais, instaladas pela prefeitura ao lado do ginásio.

#### **Breve Histórico**

A Folia de Reis é de tradição cristã e foi trazida de Portugal pelos colonos. Seus personagens principais são os três reis magos Baltazar, Belchior e Gaspar, que foram guiados pela estrela de Belém até o menino Jesus. Depois de fixada a data do nascimento de Jesus Cristo em 25 de dezembro a data de visitação dos Reis Magos ficou estabelecida em 6 de janeiro.

Com o tempo, a festa foi adquirindo manias brasileiras, como elementos do Candomblé (Rio de Janeiro) e de Congadas (Alagoas). Em Portugal, a finalidade da Folia de Reis era de diversão, já no Brasil sempre teve um caráter mais religioso.

Os foliões se caracterizam como personagens (como o palhaço Barbado e os Reis Magos) e percorrem as cidades do dia 24 de dezembro a 6 de janeiro cantando músicas e pedindo alimentos e dinheiros aos moradores, para a realização da festa de reis. Os principais instrumentos utilizados são a viola, a sanfona, o cavaquinho e o pandeiro.

Por intermédio de alguns pioneiros adeptos deste folclore e do Governo Democrático Popular, o Festival está na sua vigésima sexta edição em Sarandi. O Festival sempre é realizado no último domingo do mês de janeiro.

#### **Programação:**

##### 8h às 9h

- Recepção das Companhias das cidades participantes
- Execução de músicas com temática da Folia de Reis
- Apresentação de Violeiros
- Abertura Oficial do Festival pelo prefeito Cido Spada

##### 9h

- Composição de mesa de jurados
- Início do Festival

##### 18h

- Previsão de encerramento

### **Comissão do 26º Festival Regional de Folia de Reis**

**Presidente:** José Luiz de Araújo- Secretário de Educação, Cultura, Esporte e Lazer.

**Vice-presidente:** Luiz Sidnei de Moraes – Relações Comunitárias.

**1º Secretário:** Edmar Lourenson – Diretor Administrativo.

**2º Secretário:** Elizângela Aparecida de Freitas – Assessora de Departamento

**Tesoureira:** Luciane Delefratti Machado - Secretária

**Coordenador de Jurados:** José Lazaro Pereira – Fundador do Evento

Gislaine Laurindo – Recursos Humanos

Fernanda Massarute – Coordenadora Educação de Física

**Comunicação Social:** Valdemir Paixão de Moura.

### **Jurados do 26º Festival Regional de Folia de Reis**

- 1) João Dutra Neto – Diretor da Rádio FM Sarandi
- 2) Hilário Silva Gomes – Diretor do Jornal "O Repórter"
- 3) Moacir de Freitas - Locutor da Rádio Banda 1
- 4) Dioguinho – Locutor da Rádio Banda 1
- 5) Nhô Bastião – Locutor da Rádio Atalaia
- 6) Maria Aparecida Bedim – Funcionária Municipal (Fórum)
- 7) Nadir de Souza – Locutora da Radio Ingamar de Marialva
- 8) Luiz Pereira – Locutor da Rádio Ingamar de Marialva
- 9) José Maria da Conceição –Funcionário Federal (3º Idade)
- 10) Dona Maria do Presépio – Secretária do Lar – Moradora no Jardim Primavera
- 11) Mario de Lima (Maruca) – Vicentino – Presidente
- 12) Santo Previatto – Membro do Clube do Vovô
- 13) Miguel Gallo – Clube do Vovô – Presidente em Exercício
- 14) José Barcelos (Piuna) - Compositor (3º Idade)
- 15) Jozé Lazaro Pereira – Fundador do Festival

A Titularidade dos membros do Júri obedecerá a ordem de chegada de cada julgador convidado até o início do Festival. Os 05 últimos a chegar serão considerados suplentes que permanecerão na segunda fila de cadeiras da mesa julgadora.